

Fichamento – Isabelle Pestana Alfonso

ON SKEPTICAL FIDEISM IN MONTAIGNE’S APOLOGY FOR RAYMOND SEBOND / SOBRE O FIDEISMO CÉTICO NA APOLOGIA DE MONTAIGNE PARA RAYMOND SEBOND.

- Em grande parte devido à influência de Popkin, o trabalho de Montaigne se beneficia por um lado, do pleno reconhecimento de seu status filosófico, e, por outro lado, a partir do reconhecimento de sua plena filiação à tradição cética.
- Devemos a ele a pergunta que mobilizou a maior energia dos pesquisadores desta área: a da compreensão ou mesmo legitimidade - quando aplicada a Montaigne - de a fórmula 'fideísmo cético' (ou ceticismo fideísta), ou seja, o apelo a argumentos céticos para apoiar a fé católica, o que dispensaria qualquer apoio da razão teológica, e se beneficiaria da orientação suspensiva e dos critérios práticos do pirronismo.
- Esta preocupação principal do trabalho de Popkin se tornou totalmente aceito e não frequentemente contestado. No entanto, sua frase - ou mesmo oxímoro, "fideísmo cético" - que parece interpretar corretamente estratégias adotadas por uma série de polemistas da Contra Reforma para resistir aos ataques do protestantismo, parece tropeçar quando aplicado a Montaigne, e o exame da legitimidade e consistência teórica da associação do fideísmo com um autêntico pirronismo se torna inevitável.

Isabele Pestana Alfonso

Fichamento: Popkin's Revised Scepticism - Michael Ayers

- O clímax da primeira edição veio com os dois capítulos finais sobre Descartes. Então o livro poderia ser lido como se seu objetivo fosse explicar e avaliar a filosofia cartesiana e suas reivindicações exageradas acerca da razão, colocando o cartesianismo como ano de fundo da teoria cética antecedente e contemporânea à qual Descartes poderia estar respondendo. Essa edição terminou com a afirmação de que, até agora refutar o ceticismo, a resposta dogmática pouco convincente de Descartes teve só conseguiu intensificar a crise pirrônica.
- Popkin entende que Descartes estava procurando uma nova base para justificar e garantir novas descobertas em matemática e física. Nesse sentido, como os medievais, ele encontrou essa base em Deus: "A crise cética seria superada por uma nova teologia servindo a um propósito antigo." Para chegar lá Descartes teve que sondar as profundezas do ceticismo, encontrar um critério de verdade na percepção clara e distinta de sua própria existência, e provar, ou seja, perceber de forma clara e distinta, que Deus é o fiador seguro do critério. Popkin concorda com aqueles que argumentaram ou presumiram que confiança na percepção clara e distinta é confiança na "certeza subjetiva", um mero sentimento comparável à alegada "luz interior" do religioso entusiasta. Ele considera que Descartes traz Deus para seu argumento precisamente para sustentar um movimento para a "verdade objetiva" a partir do que Descartes a si mesmo deve reconhecer como meramente psicológica ou subjetivamente 'Compulsão irresistível para concordar'. Aqui Popkin compra a velha acusação de Descartes é culpado de circularidade.
- A existência de um Deus que não engana é trazida, como explica Descartes, não para sustentar nossa compreensão da verdade, mas para refutar uma dúvida "fraca e metafísica" de que poderia surgir em relação ao nosso poder de compreensão em geral, isto é, com efeito, no que diz respeito ao nosso entendimento em outros momentos que não o presente. Apresentar percepção clara e distinta fundamenta um assentimento muito mais forte do que a razão especulativa do cético fundamenta a dúvida de que a primeira simplesmente varre o último de lado. Percepções claras e distintas são consideradas importantes porque, como enquanto essa possibilidade não for refutada, pode parecer que a luz natural não pode oferecer a permanência e segurança tradicionalmente vista como uma condição de conhecimento.
- Se Popkin exagera a importância do ceticismo filosófico, evidente que acredito que sim, um fator que permite, e talvez o levasse a fazer isso parece ser a escorregadia inerente de algumas de suas chaves termos. Uma "crise cética" ou "crise pirrônica", por exemplo, às vezes é representado como um evento psicológico, quase como uma espécie de colapso mental.

- Muitas vezes, no entanto, uma crise de ceticismo parece ser, para Popkin, um acontecimento sociológico mais geral, algo em que uma cultura ou mundo intelectual pode ser "mergulhado", e talvez seja inevitavelmente caído quando velhas certezas são questionadas e achadas em falta, e quando é difícil escolher entre os rivais lutando para levar seus Lugares, colocar. Às vezes, novamente, uma crise pirrônica parece ser algo mais puramente lógico, o clímax ou conclusão de um argumento "pirrônico", capaz de ser "desenvolvido" mais ou menos bem ou completamente por um filósofo individual, ou em uma obra particular. Nenhuma dessas noções de uma crise cética está necessariamente ligada a qualquer uma das outras, e podemos apenas duvidar se Popkin tem justificativa para se mover tão prontamente entre eles em fazer suas reivindicações históricas.

FICHAMENTO

Isabele Pestana Alfonso

Notas sobre o argumento da loucura na primeira Meditação – Ethel Menezes da Rocha.

- **Resumo**

O artigo tentará demonstrar que o argumento da loucura não é recusado, mas usado de uma forma mais radical, e que este é necessário para a dúvida cartesiana.

- **Desenvolvimento**

Muito se diz sobre Descartes recusar o argumento da loucura, por exemplo; “para Foucault, Descartes não só recusa o argumento da loucura nas *Meditações*, mas, para além disso, essa recusa é a expressão filosófica do que metaforicamente ele chama de uma decisão da era moderna de excluir o louco como o outro da razão e, portanto, o outro da civilização.”

“O argumento da loucura é a primeira tentativa de Descartes de constituir uma razão para duvidar que leva em consideração as condições internas ao sujeito que percebe.”

“É precisamente porque Descartes pode pensar em uma possível disfunção interna ao agente cognoscente, a saber, uma obstrução natural em sua capacidade de exercer coerentemente a razão, como o que ocorre nos casos de loucura, que é possível estender a dúvida a todo pretense conhecimento.”

“ {...} a caracterização da loucura nessa passagem das *Meditações* através de dois aspectos relacionados a uma disfunção interno pensamento do sujeito da percepção: **1)** o louco fabrica seus próprios “dados sensíveis” e **2)** o louco é incapaz de operar corretamente a partir do que supostamente é dado a seus sentidos.”

“ Como veremos, através da hipótese do sonho e do Deus Enganador, Descartes pretenderá abolir o aspecto idiossincrático da loucura considerando a possibilidade de uma disfunção idêntica à da loucura, porém natural a todos os homens, preservando então o aspecto de uma possível disjunção interna ao sujeito da percepção”

Descartes nega agir como os insensatos, e logo após supostamente negar o argumento da loucura, ele insere o argumento dos sonhos: “Ele diz ter o costume de em sonhos

representar **as mesmas coisas que estes insensatos**. Mais ainda, Descartes introduzirá uma caracterização da loucura, que é justamente o que permitirá que interpretarmos a hipótese do sonho como uma retomada do conteúdo do argumento da loucura.”

Oposição: o louco é visto como **extravagante**, entretanto os sonhos são **costumeiros**, todos os homens costumam sonhar.

“Descartes parece pretender recusar apenas parcialmente a hipótese da loucura, rejeitando apenas um aspecto, a saber, a idiosincrasia do louco.”

As representações dos sonhos, tudo o que sonhamos, não vem dos dados sensíveis, mas na verdade são **fabricadas** por aquele que está sonhando. Dessa forma, porque fabricamos os dados dos nossos sonhos . “É possível, pois, que todas as representações que os aparecem advir dos sentidos sejam fabricadas como as que são fabricadas nos sonhos ou na loucura.”

“ Isto é, Descartes admite a possibilidade da imaginação operar de modo arbitrário e extravagante, como ocorre no caso da loucura, ao compor ideias. E se as ideias nos sonhos são ideias da imaginação e se assemelham ao que seriam ideias dos sentidos, então estas que nos aparecem como ideias dos sentidos podem ser simplesmente produções arbitrárias de nossa imaginação. É possível, pois que todas as representações que nos parecem advir dos sentidos sejam fabricadas como as que são fabricadas nos sonhos e nas loucuras.”

“ Desse modo, como ocorre com os loucos, pode ser que nossas ideias supostamente dos sentidos seja gerada arbitrariamente, e diferentemente do caso da loucura, entretanto, essa fabricação arbitrária não ocorreria apenas em alguns, mas em todos os homens.”

Consequências:

Quando sonhamos nós formamos ideias imaginárias que não podem ser consideradas como uma forma de conhecimento. Também não somos capazes de distinguir as ideias dos sentidos e as ideias dos sonhos, o que obtemos dos sentidos é tão arbitrário quanto a imaginação. “Descartes introduz então uma primeira possível disfunção interna ao sujeito da percepção mostrando a possibilidade deste gerar seus próprios conteúdos representativos como se estes, entretanto, fossem advindos do mundo eterno através da afecção dos sentidos.”

“ {...} geramos por nós mesmos, sem auxílio direto de qualquer coisa externa a nós, os conteúdos de nossas percepções supostamente sensíveis.” Dessa forma, Descartes poderia

estar sugerindo que não apenas os loucos, mas todos os homens fabriquem os próprios dados sensíveis e estes sejam apenas invenções da mente.

Isabele Pestana

Fichamento - História do Ceticismo de Erasmo a Espinoza, Richard Popkin.

1. A Crise intelectual da Reforma.

- Uma dos principais responsáveis pela entrada do pensamento cético no final do Renascimento foi uma disputa central na Reforma, essa disputa era acerca de qual seria o padrão correto do conhecimento religioso (lei da fé).
- Podemos considerar a visão de Martinho Lutero e sua querela com Erasmo como indicando a maneira pela qual a Reforma fomentou esse novo problema (ceticismo). {...} esse momento é um ponto de partida arbitrário para traçar a influencia cética na formação do pensamento moderno.
- Em seus primeiros protestos contra as indulgencias, Lutero argumentou em termo dos critérios adotados pela Igreja. Pg25
- Na disputa de Leipzig em 1519, Lutero deu um passo crítico ao negar a regra de fé da Igreja, apresentando um critério de conhecimento religioso radicalmente diferente. Dessa forma, Lutero deixa de ser um Reformador e se tornaria o líder de uma revolta intelectual que viria abalar os fundamentos da civilização ocidental. Pg26
- Lutero negou completamente a autoridade do papa e dos concílios, afirmava que o concilio poderia errar, pois são compostos apenas por homens, e negava também que o papa pudesse ser a única autoridade em assuntos religiosos. Entretanto, manteve que toda cristandade possui apenas um Evangelho e um Sacramento e que todos os cristãos tem a capacidade de decernir e julgar o que é certo e o que é errado em questão de fé.
- Dessa forma, Lutero estabeleceu um novo critério de conhecimento religioso, ou seja, que aquilo que a consciência é compelida a aceitar ao ler as Escrituras é verdade.
- Para ser capaz de reconhecer a verdadeira fé, é preciso um critério. Mas como poderiam reconhecer um verdadeiro critério?
- Na luta para estabelecer qual o verdadeiro critério da fé, uma atitude cética surgiu dentre alguns pensadores. Em 1524, Erasmo publicou uma obra atacando a posição de Lutero sobre o livre arbítrio, ele sugeria uma base cética para permanecer na Igreja Católica. Erasmo não gostava de controvérsias teológicas, e preferia fazer como os cétricos e suspender o juízo. Pg 30

- Para Erasmo o importante é ter uma forma de piedade cristã simples, mas a estrutura da crença é muito complexa para o homem jogar, então é mais fácil permanecer em uma atitude cética e aceitar a sabedoria da igreja.
- O erro central da obra de Erasmo segundo Lutero é que um cristão não poderia ser um cético, um cristão deve ter certeza daquilo que afirma, ou então não é um cristão. O cristianismo envolve a afirmação de certas verdades porque nossa consciência está plenamente convencida de sua veracidade.
- De acordo com Lutero, o conhecimento religioso é muito importante para apenas ser aceito na confiança, pois devemos estar absolutamente certos de sua verdade, portanto, o cristianismo é a absoluta negação do ceticismo.
- Lutero acreditava que houvesse um conjunto de verdades de caráter religioso a serem conhecidas, e depender do caminho cético para alcançá-las era perigoso demais, e só encontraríamos segurança no conhecimento certo que Deus ordena, e que o método cético não leva a Deus, mas é na verdade uma maneira de escarnecer dele; o Espírito Santo não é cético.
- O problema do critério de conhecimento que recebeu grande destaque durante a Reforma foi resolvido de duas formas diferentes no século XVI. Por um lado, a suspensão cética do juízo com apelo à fé sem fundamento racional que encontramos em Erasmo; e por outro lado a solução “razoável” de Castellio, apresentada após a admissão de que o homem não é capaz de alcançar a certeza total.

2. Descartes: Conquistador do Ceticismo.

- Em suas respostas às objeções do Padre Bourdin, Descartes anunciava ter sido o primeiro a derrubar as dúvidas dos céticos. “Antes de Descartes existiram céticos, mas que eram apenas céticos. Descartes ensinou à sua época a arte de fazer com que o ceticismo desse à luz a certeza filosófica.” Pg 271
- O retrato de Descartes como um adversário do *Pyrrhonisme*, e de sua filosofia como um novo dogmatismo surgindo dentre as dúvidas, não obteve muitos créditos. Embora a interpretação de Descartes como inimigo científico da escolástica e da ortodoxia, essa posição tem dado lugar a interpretação mais conservadora de alguém que tentou restaurar a visão medieval diante do Renascimento, e procurou encontrar uma filosofia adequada à visão cristã de mundo à luz da revolução científica do século XVII.

- É difícil dizer quando Descartes entrou em contato com o ceticismo, mas ele aparenta ter familiaridade com os clássicos pirrônicos, e também com as correntes céticas de sua época.
- Evidências encontradas em partes autobiográficas do Discurso e de cartas, indicam que por volta de 1628-1629 ele se encontrava sob forte impacto dos ataques céticos, percebendo necessidade de uma resposta a estes. Em meio a ameaças, Descartes deu início a sua revolução filosófica descobrindo algo “tão certo e seguro que todas as mais extravagantes suposições dos céticos seriam capazes de abala-lo.”
- O critério, a regra da verdade tinha desaparecido. O que se supunha que a Reforma teria realizado no campo religioso reduzindo todas as concepções a meras opiniões a serem julgadas quanto à sua plausibilidade, estava ocorrendo também na filosofia e na ciência.
- Descartes, na tradição dos grandes pensadores medievais, tentou buscar a base para as novas descobertas da época, o conhecimento natural humano, apoiado no fundamento mais forte possível, Deus todo poderoso e eterno. A crise cética seria superada por uma nova teologia, servindo a um velho propósito.
- Os céticos, segundo Descartes, duvidavam por duvidar, e fingiam estar sempre incertos, e ganham tão pouco com seu método de filosofar, que tem estado no erro durante toda a sua vida, e não tem sido capazes de se libertar nem das dúvidas que introduziram na filosofia.
- O cético ou o pirrônico duvida de tudo, porque ele tolamente deseja fechar os seus olhos para a luz. Mas duvidar como Descartes não é ser pirrônico, mas sim filósofo, não é abalar a certeza humana, mas fortalece-la. Pg 286
- Descartes esperava encontrar as verdades fundamentais e indubitáveis, os conhecimentos do fundamento humano, na mente, soterrados ou escondidos debaixo dos escombros de nossos preconceitos e opiniões. Esperava localiza-lo pelo próprio processo de dúvida, e não por um deus *x machina* após a dúvida. Os céticos não acreditavam que pudessemos estar em posse de alguma verdade, enquanto Descartes estava convencido de que sim, mas não éramos capazes de perceber isso. Ao duvidar e negar, nossas opiniões e preconceitos que nos cegavam seriam removidos para que a verdade pudesse brilhar.
- O processo de levar a dúvida a seu extremo acaba acarretando a derrubada total do ceticismo, e assim o ataque pirrônico se transforma em sua própria vítima. O método que supostamente deveria eliminar todo o dogmatismo termina por eliminar também a si mesmo, ao descobrir uma verdade inabalável (cogito).

- Cada etapa no caminho para a verdade absoluta após o cogito, fortalece o afastamento do ceticismo. O critério levava a Deus, Deus levava a completa garantia, e a completa garantia ao conhecimento do universo mecanicista.
- Os reformadores, principalmente Calvinistas, apresentavam como defesa de suas crenças a afirmação que poderíamos encontrar uma verdade religiosa, a verdadeira fé, que nos revelaria seu critério, a regra de fé, seríamos iluminados pela verdade e pela graça divina.
- A derrubada revolucionária do ceticismo por Descartes e sua reinvidicação de ter obtido conhecimento objetivo pode ter sido a melhor solução para a crise pirrônica, mas foi na passagem da certeza subjetiva para a verdade objetiva que Descartes, assim como Calvino, enfrentou a mais seria oposição.

3. Descartes: *Sceptique Malgré Lui*.

“ Os pensadores ortodoxos

- Ao apresentar sua conquista do dragão cético*, Descartes foi denunciado tanto como um perigoso pirrônico, e também como um dogmático mal sucedido cujas teorias eram meras ilusões. Os pensadores ortodoxos consideraram Descartes um cético vicioso, pois seu método da dúvida questionava a base do sistema tradicional.
- Descartes foi considerado um ponto culminante de dois milênios de pensamento pirrônico, dedicado a minar os fundamentos de um conhecimento racional. Os cétricos tampouco consideravam Descartes como um dos seus, e afirmavam que todas as suas afirmações não passavam de opiniões.
- Se a opinião de Calvino tinha sido insuficiente para estabelecer a verdade religiosa, a opinião de Descartes seria igualmente insuficiente para estabelecer a verdade filosófica.
- Descartes foi acusado de que, com seu método, havia derrubado todas as evidencias aceitáveis que possuíamos, havia rejeitado o senso comum, a experiência e a autoridade, havia eliminado as possibilidades de encontrar um fundamento seguro para o conhecimento, era visto como um cético ateu, e deveria ser destruído.
- A posição de Petit era que o conhecimento mais elevado e final que podemos ter é o conhecimento de Deus, o qual é pouco claro e distinto. Se tivermos que conhecer Deus em primeiro lugar para termos certeza de todas as outras coisas, tudo seria posto em dúvida e o conhecimento genuíno seria impossível, uma vez que está além de nossas capacidades finitas e limitadas compreender a Deus por meios racionais.
- Padre Bourdin usou a primeira e segunda meditação para atacar Descartes, alegando que ele era um cético completo, portanto não poderia levar a certeza alguma. Os métodos de

Descartes poderiam evitar que erremos, porém, insistia Bourdin, também evitará que conheçamos.

- Os aristotélicos admitiam a existência de problemas na obtenção do conhecimento certo e verdadeiro, mas se aceitarmos os meios que dispomos como os dados sensoriais, e assim por diante, poderiam ter sucesso. Na opinião deles, Descartes levava o problema tão a sério que destruía os únicos meios possíveis para elimina-los, portanto, ele terminava por nos ensinar apenas o ceticismo.
- Os opositores de Descartes afirmavam que, ele querendo ou não, ele havia criado com o seu método um ceticismo total. Ele rejeitara o caminho aristotélico para o conhecimento ao duvidar primeiro da fonte de toda informação, os sentidos, e em segundo dos princípios básicos e verdades pelas quais raciocinamos

Isabele Pestana Alfonso

Fichamento: Panorama historiográfico do ceticismo renascentista: 1997-2007 – José Raimundo Maia Neto

- O ceticismo em geral, e o ceticismo no Renascimento em particular, começa a ser objeto de estudos historiográficos na segunda metade do século XVII com o surgimento do cartesianismo.
- O objetivo principal do *De Scepticismo* não é tanto relatar a história do ceticismo, mas refutá-lo a partir de uma perspectiva aristotélica, que defende a validade epistêmica dos sentidos e, anti-cartesiana, que ataca o cogito. Entre outras acusações, Voet e Schoock responsabilizam Descartes pela reintrodução do ceticismo na filosofia.
- Verifica-se assim, desde o *De Scepticismo* de Schoock até a edição de 2003 da *História do Ceticismo* de Popkin, a centralidade de Descartes na historiografia do ceticismo.
- O ceticismo renascentista é para Busson o resultado da separação radical entre razão e fé decorrente desta doutrina. A privação de conteúdo racional da religião promovida pelos céticos logo se volta contra a própria religião, o que faz do ceticismo renascentista mais uma das correntes irreligiosas do período a corroerem o judaico-cristianismo.
- Com efeito, o autor da *História do Ceticismo* vê em Erasmo os traços do ceticismo fideísta que se desenvolve de Montaigne a La Mothe Le Vayer, em Lutero a prefiguração teológica do novo dogmatismo (o cartesianismo) e em Castelio a prefiguração no campo religioso do ceticismo mitigado que se torna central em Gassendi, Mersenne, Locke e Boyle como a filosofia da nova ciência experimental.

Meditações Metafísicas – fichamento

Isabele Pestana Alfonso

- **Meditação Primeira – Das coisas que se podem colocar em dúvida.**

1. Descartes considerava que ao longo de sua vida tinha recebido falsas opiniões como verdadeiras, e que aquilo que fundou com base nestes princípios era duvidoso e incerto, de tal modo que se fez necessário se desfazer de todas essas opiniões e começar tudo novamente para estabelecer algo firme nas ciências.
2. Com o espírito livre, Descartes se aplica a destruir todas as suas antigas opiniões, mesmo que não sejam todas falsas, mas sua razão o persuade a não dar crédito às coisas que são inteiramente indubitável, pois o menor indício de dúvida fará com que rejeite todas aquelas opiniões. Dessa forma, Descartes questiona a base do conhecimento, e tudo passível de dúvida, pois a ruína dos alicerces carrega o edifício, então se dedicará a questionar os princípios.
3. Descartes afirma que tudo o que recebeu até então como o mais verdadeiro e seguro, veio dos sentidos ou pelos sentidos, e que estes já haviam sido enganosos, e não era prudente confiar naquilo que já o enganou uma vez. **1º argumento: O erro dos sentidos, primeiro grau da dúvida.**
4. Ainda que os sentidos nos enganem às vezes existem coisas que não se podem razoavelmente duvidar, por exemplo, “que eu esteja aqui junto ao fogo, tendo esse papel nas mãos e coisas dessa natureza”, e questiona como poderia negar a existência de seu corpo físico. Em seguida, surge o argumento da **Loucura**, pois, se questionasse sua matéria, estaria se comparando aos “insensatos com o cérebro perturbado e ofuscado pelos vapores da bile”, e visto isso, não poderia conceber tais questionamentos e se guiar por estes exemplos.
5. **2º Argumento: argumento dos sonhos, segundo grau da dúvida.** Todavia, considerando ser um homem, logo tem o costume de dormir e sonhar, e muitas vezes e

capaz de representar, nesses sonhos, as mesmas coisas que aqueles insensatos, em vigília, ou seja, Descartes não poderia razoavelmente duvidar de certas coisas, pois seria tão extravagante quanto um insensato, entretanto, quando sonha reproduz as mesmas coisas que estes loucos. Quantas vezes já lhe ocorreu de sonhar que estava, por exemplo, vestido e junto ao fogo, mas na verdade estava dormindo. Tem a impressão de não estar adormecido, deliberadamente mexe e sente seu corpo, entretanto, a sensação que tem durante seus sonhos não é diferente da sensação que tem ao estar acordado. Descartes percebe, então, que não há indícios que possam distinguir nitidamente a vigília do sono, e se sentiu inteiramente pasmo, ao ponto de acreditar que estava dormindo naquele momento.

6. Descartes propõe que suponhamos que estamos adormecidos, e que estas particularidades em relação à nossa matéria física sejam uma ilusão, que nossas mãos e nosso corpo não são como vemos. Todavia, deve-se admitir que as coisas que representamos nos sonhos possuem algo de semelhante com aquilo que é real.
7. Existem coisas simples e universais que são verdadeiras e existentes. Não coloca em dúvida coisas de “natureza simples”, figura, espaço, tempo quantidade, pois são conceitos matemáticos.
8. As ciências da natureza tratam de coisas muito gerais, e contem algo de certo e indubitável, pois estando acordado ou dormindo, dois mais três somam cinco, um triângulo possui três lados; A dúvida epistemológica ainda não afeta as verdades eternas.
9. **3º grau da dúvida (hiperbólica) Deus Enganador** Todavia, acredita que há um Deus criador onipotente. Quem poderá assegurar que esse Deus tenha feito com que não haja nenhuma terra e nenhum céu, e todas essas coisas que apreendemos pelos sentidos, e que não obstante, que eu tenha o sentimento de todas essas coisas e que tudo não pareça existir de maneira diferente da qual eu vejo. Poderia ocorrer que Deus desejasse que eu me enganasse todas as vezes que somo dois mais três. Todavia, dessa forma, estaria negando a bondade de Deus ao presumir que ele o enganava sempre, também parecendo contrario que se engane algumas vezes, entretanto não é capaz de duvidar que o permita.

- 10.** Haverão pessoas que vão negar a existência de Deus ao invés de acreditar que todas as outras coisas são incertas, entretanto é certo que falhar ou enganar-se é uma imperfeição, e quanto menos poderoso for o autor de sua origem, mais imperfeito será e mais vezes cometerá enganos. Entretanto, Descartes não encontra nada do que não possa duvidar, então suspende o juízo sobre tais pensamentos, para que possa encontrar algo seguro nas ciências.
- 11.** Entretanto, é necessário lembrar-se dessas antigas opiniões, pois jamais perderá o costume de confiar nelas, mesmo sendo duvidosas, entretanto, são muito prováveis, e tem mais razão em acreditar nelas do que negá-las, e se utilizará estas de maneira mais prudente, pois mesmo que sejam duvidosas, não pode haver perigo nessa via, de forma que no momento não se trata de agir, mas de meditar e conhecer.
- 12.** Dessa forma, irá supor que não há um Deus, mas sim um Gênio Maligno (artifício psicológico) ardiloso e poderoso, que empregou sua indústria em enganar-me e que todas as coisas exteriores são ilusões e enganos que ele se serve para enganar-me. Considerarei-me desprovido do corpo físico e qualquer sentido, entretanto, ainda possui a crença de todas essas coisas, assim sendo, se apegará a esse pensamento, e não podendo encontrar nenhuma verdade, suspende então seu juízo. Cuidará de não receber em sua crença nenhuma falsidade e irá preparar seu espírito para que este enganador não possa lhe impor algo. – O artifício psicológico do gênio maligno tem a mesma função do Deus enganador, entretanto, não apresenta limitações, no caso, a bondade divina. A dúvida do Deus enganador não é tão forte para superar a probabilidade de que Deus não queira que eu me engane.
- 13.** Entretanto, considera um desígnio árduo e trabalhoso, e certa preguiça o arrasta para o cotidiano de sua vida. Compara-se com um escravo que gozava de uma liberdade imaginária, e ao começar a suspeitar que essa liberdade é apenas um sonho, conspira com aquelas agradáveis ilusões para que continue sendo enganado, voltando assim a dar crédito as suas antigas opiniões, evitando despertar desse sonho por medo de que as vigílias laboriosas, oposta a tranquilidade dos sonhos e do repouso, não fossem o suficiente para fornecer algum esclarecimento das trevas que foram agitadas.

- **Meditação Segunda - Da natureza do espírito humano, e de como ele é mais fácil de conhecer do que o corpo.**

1. A meditação feita anteriormente fez com que surgissem muitas dúvidas, e não consegue ver uma maneira de resolvê-las. Assim, continuará se afastando daquilo que se possa duvidar como se fosse absolutamente falso, e continuará nesse caminho até encontrar algo de certo.
2. Da mesma forma que Arquimedes necessitava de apenas um ponto fixo e seguro para tirar o globo terrestre e transportá-lo para outra parte, Descartes tem esperança de encontrar pelo menos uma coisa que seja certa e indubitável.
3. Supondo que todas as coisas que vê são falsas, persuadindo-se que todas as coisas em suas memórias são mentiras, e que os sentido, corpo, figura, extensão, movimento e lugar são apenas ficções de seu espírito. Então talvez não há nada de certo no mundo.
4. Se há apenas coisas que julga serem incertas, não há um Deus ou alguma potência que ponha em seu espírito tais pensamentos? Considera então ser capaz de produzir esses pensamentos por si só. Sendo assim, eu pelo menos não serei alguma coisa? Mesmo havendo negado a existência de qualquer sentido ou corpo, seria dependente desses, de tal modo que não poderia existir sem eles? Descartes se persuadiu de que não há nada no mundo, nenhum céu nem terra, mas teria se persuadido que ele mesmo também não existia? Certamente que não. Não há dúvidas em relação a sua própria existência, mesmo que haja um enganador muito poderoso, que emprega toda a sua indústria a enganá-lo sempre, não há dúvida, portanto de que ele é alguma coisa, já que pode ser enganado, e por mais que seja enganada, essa potência jamais poderá fazer com que ele nada seja, enquanto puder pensar alguma coisa. Dessa forma, conclui que a proposição *eu sou, eu existo* é necessariamente verdadeira.
5. Entretanto, assume não conhecer a sua essência, sendo necessária certa prudência para não se equivocar em relação a esse conhecimento, que é o mais certo e evidente que já teve.

6. Considerando o que pensava ser antes, irá suprimir tudo aquilo que pode ser combatido pela razão, até que permaneça apenas o indubitável. Anteriormente, acreditava ser um homem, mas o que é um homem? não dirá ser um animal racional, pois teria que explorar o tal conceito e isso seria difícil e trabalhoso. Irá considerar que, anteriormente, os pensamentos nasciam por si mesmo em seu espírito, e eram inspirados por sua natureza. Inicialmente também se considerava possuir um corpo físico, que se alimentava, se movimentava, sentia e pensava, e que todas essas ações se relacionavam à alma, entretanto, não pensava no que consistia essa alma, ou a imaginava como algo sutil assim como o vento. Em relação ao corpo, não duvidava de sua natureza, acreditava que conhecia de maneira muito distinta, podendo explicá-lo, que poderia ser apreendido pelos sentidos e movido de muitas maneiras.

7. Mas o que é agora, que supõe que há alguém extremamente poderoso e malicioso, que o engana? Sendo assim, não há nenhuma coisa que possa afirmar que realmente exista nele, em relação à natureza corpórea. Não é possível afirmar que se alimenta e caminha, se for verdadeiro que não possui corpo algum. Também não pode afirmar que sente, já que não se pode sentir sem o corpo, além de que, em seus sonhos também já havia pensado sentir, e quando despertou, percebeu que não havia sentido efetivamente. Entretanto, em relação ao pensar, Descartes verifica que pensamento é um atributo que realmente o pertence, e que isto não pode ser separado dele. *Eu sou, eu existo* é algo certo enquanto continuar pensando, pois caso ocorresse de não mais pensar, deixaria ao mesmo tempo de ser e existir. A partir disso, irá admitir aquilo que for verdadeiro; nada é, senão algo que pensa, isto é, um espírito, um entendimento ou uma razão. Assume ser uma coisa verdadeiramente existente, uma coisa que pensa, mesmo que não possa afirmar outras coisas em relação a sua existência, a saber, um corpo ou um vento, ainda assim, é certo de que é alguma coisa.

8. Sobre as coisas que não conhece em relação à sua natureza, Descartes irá suspender seu juízo. Sua existência não depende dessas coisas cujo ele não possui conhecimento. Já sabe certamente que “eu sou”, e que todas essas outras coisas em relação à sua natureza corpórea são frutos de sonhos ou quimeras. Não poderia, portanto, dizer que vai se empenhar em exercitar sua imaginação a fim de conhecer mais precisamente o que é, pois tudo aquilo provindo da imaginação foi anteriormente excluído pela dúvida.

9. Descartes assume ser uma coisa que pensa, e que duvidar, conceber, afirmar, negar, querer, não querer, imaginar e sentir, fazem parte de sua natureza, pois é capaz de exercer a dúvida, conceber aquilo que é verdadeiro e negar o duvidoso, tem o desejo de conhecer, como também de não ser enganado, também pode imaginar e mesmo de mau grado sente coisas por intermédio dos órgãos do corpo. Reconhece também ser o mesmo que sente, que conhece e recebe as coisas pelos órgãos dos sentidos, vê a luz, ouve ruídos, pode ser que estas aparências são falsas e que ele está dormindo, entretanto, isto é aquilo em si que propriamente se chama sentir, e isso é nada senão pensar.
10. Entretanto, não consegue impedir de crer que as coisas corpóreas, cuja as imagens são formadas pelo pensamento, e são apresentadas aos sentidos, sejam melhor conhecidas do que essas parte de si que não se apresenta à imaginação. Assume que há um estranhamento ao considerar que as coisas mais duvidosas e distantes, sejam também as mais claras e mais facilmente conhecidas por ele, do que aquelas que são verdadeiramente certas e pertencentes à sua própria natureza.
11. Considerando as coisas mais comuns, que acreditamos melhor conhecer, aquilo que tocamos ou vemos. Toma por exemplo um pedaço de cera, e suas características como cheiro e a doçura do mel. Todas as coisas que se pode distintamente fazer conhecer de um corpo, encontra-se neste.
12. Supondo que aproximasse esta cera do fogo, ela mudaria sua forma, derreteria etc. A mesma cera permaneceria após essa modificação? Não se pode negar que permanece. O que poderia se conhecer nesta cera de maneira distinta? Não poderia ser nada em relação aos sentidos, visto que todas as características desta que apreendemos com os sentidos foram modificadas, no entanto, a cera permanece. Talvez a cera não tivesse tais características, assim, afasta todas as características que não pertencem à cera, restando dizer então que é apenas algo extenso, flexível e mutável, concebendo-a então capaz de uma infinidade de modificações que vão além de sua faculdade de imaginar.
13. Essa cera poderia ser concebida então pelo entendimento ou pelo espírito, e é importante notar que a sua percepção não é uma visão, nem um tatear nem imaginação,

mas somente uma inspeção do espírito, que pode ser considerada clara e distinta, dependendo da atenção que dá às coisas que nela existem ou das quais é composta.

14. Não poderia se espantar ao ver que seu espírito pende insensivelmente ao erro. Quase desejaria concluir que conhece a cera pela visão e não pelo espírito, pois, vê homens andando nas ruas da mesma forma que vê a cera, entretanto, tais homens que vê poderiam ser apenas espectros, homens fictícios cobertos por chapéus e casacos, movido por molas. Mas julga serem os homens verdadeiros, e compreendendo apenas pela faculdade de julgar de seu espírito, aquilo que via com seus olhos.*
15. Quando distingue a cera de suas formas exteriores, como se a despisse de suas vestimentas, ainda que pudesse encontrar algum erro em seu juízo, não poderia a conceber dessa forma sem um espírito humano.
16. Até então, admitiu sobre si mesmo nada além de seu espírito, e declarou conhecer com tamanha nitidez aquele pedaço de cera. Não conhece a si mesmo, então com muito mais verdade e certeza a si mesmo? Visto que entende que a cera existe pelo fato de vê-la, logo, evidentemente segue-se o fato de que ele existe, pois vê tal cera. Poderia acontecer daquilo que vê não seja na realidade uma cera, ou que não tenha realmente olhos para ver. Sendo assim, não pode ocorrer que quando pensa ver algo, mesmo que não seja exatamente àquilo que vê, ainda é certo que vê alguma coisa. Assim, julgando que a cera existe pelo fato de toca-la, conclui necessariamente que “*eu sou*”, e que todas as coisas que concluiu sobre a cera podem ser aplicadas às coisas que são exteriores a si mesmo.
17. O conhecimento da cera parece ser mais nítido após descoberto por coisas além do tato ou da visão, dessa forma, com maior evidência, distinção e nitidez deve conhecer a si mesmo, visto que todas as razões utilizadas para conhecer a cera e conceber a sua natureza, ou qualquer outro corpo, acabam por provar mais evidentemente a natureza de seu próprio espírito.
18. Só é possível conceber corpos pela faculdade de entender, e não pela imaginação e nem pelos sentidos. Não se conhece as coisas por ver ou tocar, mas ao os conceber pelo

pensamento. Reconhece, então, que não há nada que seja mais fácil de conhecer do que seu próprio espírito.

- **Meditação Terceira – De Deus; que Ele Existe**

1. Descartes irá se desviar de todos os seus sentidos, a fim de conhecer melhor a natureza de seu espírito, todas as coisas corpóreas serão tratadas como vãs e falsas. Entende-se como algo que pensa, isto é, dúvida, afirma, nega, imagina, sente... E considerando que as coisas que imaginam talvez não sejam nada fora dele, é certo de que os sentimentos e as imaginações residem e se encontram nele.
2. Sendo assim, está certo de que é uma coisa pensante, e nesse conhecimento só se encontra uma clara e distinta percepção daquilo que conhece, o que não seria o suficiente para assegurar de que é verdadeira, se em algum momento acontecesse algo que provasse que aquilo que concebia tão claro e distintamente se verificasse falso.* Portanto, estabelece como **regra geral** que todas as coisas que concebe com muita clareza e distinção são todas verdadeiras.
3. Reconhece que já admitiu muitas coisas como claras e distintas, mas depois as reconheceu como duvidosas e incertas, (as coisas que recebeu dos seus sentidos). O que considerava distinto nessas coisas eram as ideias ou os pensamentos destas que se apresentavam ao seu espírito, e que devido ao seu hábito de acreditar nessas ideias, pensava as conhecer muito claro e distintamente, embora não as percebesse de modo algum.
4. Quando considerava coisas acerca da aritmética ou geometria, como exemplo $2+3$ somam 5, não as concebia bastante claramente a concluir que eram verdadeiras? Se julgou que poderia duvidar dessas coisas, foi por razão de que algum Deus pudesse lhe dar uma natureza da qual se enganasse, pois, seria fácil, se ele quisesse, proceder de tal modo, que se engane mesmo nas coisas que acredita conhecer com uma evidência muito grande. Entretanto, admite que, engane-me quem puder, mas jamais poderia fazer com que eu nada seja enquanto pensar que é algo.

5. Não há nenhuma razão para acreditar que haja algum Deus que seja enganador, mas a fim de afastar essa hipótese inteiramente, deve examinar se realmente há um Deus e se este pode ser enganador, pois sem o conhecimento destas duas coisas, não poderia jamais estar certo de coisa alguma. Dessa forma, divide seu pensamento em gêneros e considera em quais destes há verdade ou erro.
6. Entre seus pensamentos, existem aqueles que são como a imagem das coisas, ou ideia: como quando representa um homem, uma quimera ou mesmo Deus. Outros pensamentos possuem outras formas, ao afirmar ou negar, concebe algo como sujeito da ação de seu espírito, e deste gênero de pensamento, uns são chamados de vontades ou afecções, e outros de juízos.
7. No que concerne às ideias, considerando somente elas mesmas e não as relacionando com alguma outra coisa, elas não podem ser falsas, pois, imaginando uma cabra ou uma quimera, não é menos verdadeiro do que pode imaginar tanto uma como a outra.
8. Também não é preciso temer encontrar falsidade nas afecções, pois mesmo que deseje coisas más ou que não existem, não é menos verdade que as deseje.
9. Em relação aos juízos, deve ter cautela para não se enganar. O principal erro consiste em julgar que estas ideias que estão em mim são semelhantes às coisas que estão fora de mim, e certamente ao considerar as ideias apenas como formas de meus pensamentos, sem relacioná-las a algo exterior, mal poderia ter ocasião de falhar.
10. Dessas ideias, algumas parecem ter nascido comigo, outras vindas de fora, e outras inventadas. Pois, mesmo tendo a faculdade de conceber apenas em sua própria natureza, se ouve um ruído ou vê o sol, por exemplo, até o presente momento julgou que estes sentimentos provinham de algo que existe fora de mim. E assim, parecem ser as quimeras ficções de seu espírito. Porém, poderia se persuadir de que essas ideias do gênero estranhas (que vem de fora), ou que nasceram comigo, ainda foram todas feitas por mim, pois não sabe qual a origem destas. Assim, no tocante àquelas que parecem vir de algum objeto localizado fora de mim, há razões para acreditar que elas são semelhantes a estes objetos.

11. A primeira razão é que parece que isso lhe é ensinado pela natureza, e a segunda razão é que tais ideias não dependem de forma alguma de sua vontade, pois, querendo ou não sente calor, e por essa razão se persuade de que este calor é produzido em si por algo exterior, ou seja, pelo fogo da lareira. Parece razoável julgar que essa coisa estranha envia e imprime em si a sua semelhança.
12. Em relação às coisas que são ensinadas pela natureza, há certa inclinação a acreditar nessas coisas, mas, referente a estas inclinações, quando se tratava entre escolher vícios ou virtudes, estas não o levaram nem ao mal nem ao bem, por isso não há motivos para segui-las.
13. Em relação àquelas ideias que não dependem de sua vontade, também não são convincentes. Talvez exista uma faculdade ou poder próprio para produzir essas ideias sem auxílio de coisas exteriores, como, sempre pareceu que ao dormir essas ideias são reproduzidas em seus sonhos, sem necessitar ajuda de tais objetos que a representam. Mas ainda que estas ideias fossem causadas pelos objetos, não é uma consequência necessária que estes sejam semelhantes. Pelo contrário, parece haver grande diferença entre o objeto e a sua ideia, por exemplo, que em seu espírito duas ideias sobre o sol, que são adversas: uma tem origem nos sentidos, do gênero das ideias que vem de fora e pela qual o sol aparenta ser pequena, a outra provém das razões da astronomia, que de certa forma, nascem comigo ou foram formadas por mim mesmo, e que me parece que o sol seria maior que a terra inteira. Essas duas ideias, então, não poderiam ser ambas semelhantes a este objeto, o que faz com que ideia que vem imediatamente de sua aparência é a que mais se desassemelha.
14. Apenas por um cego e temerário impulso, acreditei haver coisas foras de mim e diferentes do meu ser, as quais pelos órgãos dos sentidos enviam-me suas ideias e imprimem em mim suas semelhanças.
15. Ainda há uma forma de verificar se dentre as coisas de que se tem ideia, quais realmente existem fora de mim. Concebendo essas ideias como certas formas de pensar, não reconhece nenhuma diferença ou desigualdade. Mas considerando como representações, é evidente que são diferentes entre si. Com efeito, aquelas que me representam substância são algo a mais e possuem mais realidade objetiva, ou seja, participa por

representação num maior número de graus de ser ou de perfeição do que aquelas que apresentam modos ou acidentes. Além disso, aquela pela qual concebo um Deus soberano, eterno, infinito, onisciente, onipotente e criador universal de todas as coisas que estão fora dele, aquela tem certamente em si mais realidade objetiva do que aquelas pelas quais as substâncias finitas são representadas.

16. Deve haver ao menos, tanta realidade na causa eficiente quanto no seu efeito, pois, de onde o efeito tiraria sua realidade, senão de sua causa? Ou como essa causa a comunicar, se não a tivesse em si mesma?
17. A partir disso, decorre que o nada não poderia produzir coisa alguma, e também que, o que é mais perfeito (ou o que contém em si mais realidade), não poderia ser decorrente de algo menos perfeito. Esta verdade é clara e evidente nos seus efeitos, que possuem realidade atual ou formal, e também, nas ideias onde se considera apenas a realidade objetiva, a exemplo: A pedra que não foi só poderia passar a ser se for produzida por alguma coisa que possui tudo aquilo que entra na composição desta pedra, ou outras coisas mais excelentes do que aquelas contida na pedra. Além disso, a ideia de pedra não poderia estar em mim se não tivesse sido colocada por alguma causa que tenha em si, ao menos tanta realidade que aquela que concebe na pedra. Sendo toda ideia uma obra do espírito, sua natureza não exige de si nenhuma realidade formal além da que recebe e toma de si o empréstimo do espírito, do qual ela é apenas uma maneira de pensar. Assim, as ideias são em mim como quadros, que podem não conservar a perfeição das coisas de onde foram tiradas, mas jamais podem conter algo de mais perfeito.
18. concluirá que se a realidade objetiva de alguma de minhas ideias é tal que eu reconheça claramente que ela não está em mim nem formal nem eminentemente, e que, por conseguinte, não posso, eu mesmo ser a causa, daí decorre necessariamente que não estou sozinho no mundo, mas que ainda há algo que é causa dessa ideia
19. Além disso, há a ideia de mim mesmo, a ideia de Deus, e outras coisas corporais, inanimadas ou coisas semelhantes a mim. quanto a essas, reconhece que poderia facilmente provir da mistura de outras ideias (das coisas corporais e de deus). as ideias de coisas corporais não parecem vir de mim mesmo, pois como exemplo da cera, nela se encontra poucas coisas que possa conceber como claro e distinto (grandeza, extensão etc). Quanto às coisas como luz, sons, e outras coisas que provém do tato, encontram-se em meu pensamento com tanta obscuridade, que ignoro se são verdadeiras ou falsas e somente aparentes. pois, pode ocorrer que eu encontre nas ideias certa falsidade material,

por exemplo, não há clareza e distinção do que poder ser calor ou frio, se um é a privação do outro, ou ainda, se são qualidades reais ou não, de forma que essas ideias expressam tão pouca realidade que não vê razão pela qual estas não pudessem ser produzidas por ele mesmo.

20. Existem as ideias que possui clareza e distinção, a saber, substância, pois quando pensa que uma pedra é substância, ou seja, uma coisa que existe por si mesma, em seguida também é capaz de perceber que é também substância, embora seja uma coisa não extensa e que pensa, e a pedra sendo o oposto, as duas na mesma medida representam substância.
21. Quanto às ideias corporais, extensão figura, elas não estão formalmente em mim, visto que sou apenas uma coisa que pensa, mas já que são apenas modos das substâncias, como se fossem as vestes que a substância corporal aparece, e eu sou uma substância, elas poderiam estar contidas em mim.
22. A ideia de Deus é concebida como uma substância infinita, eterna, imutável, independente, onisciente, onipotente e pela qual eu próprio e todas as coisas que são e existem foram criadas e produzidas. essas vantagens são tão grandes e iminentes que essa ideia não pode ter tido origem somente em mim. então é preciso concluir que Deus existe (**primeira prova da existência de Deus**) pois ainda que a ideia de substância esteja em mim, pelo próprio fato de eu ser uma substância, eu não deveria ter a ideia de uma substância infinita, já que sou finito, se esta não tivesse sido colocado em mim por algo verdadeiramente infinito.
23. Não devo imaginar que concebo o infinito por uma verdadeira ideia, mas sim pela negação do que é finito, do mesmo modo que compreendo o repouso e as trevas pela negação do movimento e da luz. pois, tenho em mim anteriormente a noção do infinito do que finito, isto é, deus antes de mim mesmo. pois como seria possível que eu pudesse conhecer que eu duvido e que desejo, ou seja, que me falta algo, e que eu não sou inteiramente perfeito, se eu não tivesse em mim nenhuma ideia de um ser mais perfeito que o meu, em comparação ao qual eu reconheceria as carências da minha natureza.
24. a ideia de deus não poderia ser materialmente falsa, eu não posso a ter tido do nada ou em consequência de alguma carência minha, pois esta é muito clara e distinta e contém

em si mais realidade objetiva do que qualquer outra, e não há nenhuma que seja mais verdadeira nem que possa ser menos suspeita de erro ou falsidade.

25. ainda que possam dizer que este ser perfeito e infinito não existe, não se pode fingir que sua ideia não contenha nada de real.
26. Essa ideia é muito clara e distinta, e contém em si alguma perfeição que está contido e encerrado nessa ideia.
27. e ainda que eu não compreenda o infinito, ou haja em deus muitas coisas que eu não possa compreender, é da minha natureza que eu não possa compreender o infinito, já que sou finito e limitado, mas basta que eu conceba bem isto, e que nas coisas que me parecem claras e distintas e nas quais concebo alguma perfeição, estão em deus, formalmente ou eminentemente, para que a ideia que tenho dele seja a mais clara e mais distinta dentre todas as outras que se acham em meu espírito
28. seria eu algo maior do que imagino? ainda que meu conhecimento evolua atingindo novos graus de perfeição, essas vantagens ainda não se aproximam daquela comparada a ideia de divindade, pois ainda que meu conhecimento crescesse, ele não poderia se tornar infinito. mas concebo deus infinito em tão alto grau que nada se poderia acrescentar a soberana perfeição que ele possui. Assim compreendo que o ser objetivo de uma ideia não pode ser produzido por um ser que existe apenas em potência.
29. Quando meu espírito está obscurecido e cegado pelas coisas sensíveis, lembra-se facilmente da razão pela qual a ideia que eu tenho de um ser mais perfeito que por meu deva necessariamente ter sido colocada em mim por um ser que seja de fato mais perfeito.
30. Devo considerar se eu mesmo que tenho essa ideia de deus, poderia existir caso não houvesse um deus. me pergunto de quem tirarei a minha existência? talvez de mim mesmo, ou de meus pais.
31. Se eu fosse autor de meu próprio ser, certamente não duvidaria de coisa alguma, não conceberia desejos, e não me faltaria perfeição alguma, pois eu teria me dado todas aquelas que tenho alguma ideia, e assim seria Deus.

32. Se eu fosse o autor de minha existência, eu não teria me privado ao menos de coisas de mais fácil aquisição, a saber, de muitos conhecimentos de que minha natureza está despojada, não teria me privado das mesmas coisas que estão contidas na ideia de deus.
33. Sendo assim, é necessário que Deus seja o autor de minha existência. (prova da existência de deus)
- 34.
35. é uma coisa evidente que deve haver ao menos tanta realidade na causa quanto ao seu efeito. e portanto, já que sou uma coisa pensante e tenho em mim a ideia de deus, qualquer que seja enfim a causa que atribua a minha natureza, cumpre necessariamente confessar que ela deve ser igual de modo uma coisa pensante deve possuir em si todas as ideias de perfeições que eu atribuo a natureza divina. {...} se ela tira sua existência de alguma outra causa diferente de si, torna a perguntar pela mesma razão, a respeito dessa segunda causa, se ela é por si, ou por outrem, até que gradativamente chegue a uma última causa que se verificará ser deus.
36. A unidade, a simplicidade ou a inseparabilidade que existem em Deus é uma das principais perfeições que concebo existentes nele, e por certo que a reunião de todas essas perfeições de deus não foi colocada em mim por nenhuma causa da qual eu não tenha recebido todas as outras ideias de perfeição.
37. No que se refere aos meus pais, não decorre que sejam eles que me conservam, nem que tenham me produzido como coisa pensante, pois apenas me dispuseram nessa matéria, é preciso concluir que pelo simples fato que eu existo e de que a ideia de um ser soberanamente perfeito, isto é, um deus, é em mim, a existência de um deus está evidentemente demonstrada.
38. resta-me examinar de que maneira adquiri essa ideia. não tendo a recebido dos sentidos, já que não se apresenta, e também não pode ser pura produção de meu espírito, pois não está em meu poder diminuir ou acrescentar coisa alguma, e por conseguinte, não resta outra coisa a dizer que, como a ideia de mim mesmo, ela nasceu e foi produzida comigo desde o momento em que fui criado.
39. pelo simples fato de deus ter me criado, é bastante crível que de algum modo, me tenha produzido sua imagem e semelhança, e que eu conceba essa semelhança, na qual a ideia

de deus está contida, por meio da mesma faculdade a qual eu concebo a mim próprio, e isso quer dizer que quando reflito sobre mim, não só reconheço que sou uma coisa imperfeita, incompleta e dependente de outrem, que tende e aspira incessantemente a algo melhor e maior do que sou, mas também conheço, ao mesmo tempo, que aquele de quem dependo possui em si todas as características que aspiro, cujo as ideias se encontrem dentro de mim. Reconheço que seria impossível que minha natureza fosse como é, ou seja, que eu tivesse a ideia de deus, se deus não existisse verdadeiramente.

Meditação Quarta - do verdadeiro e do falso

- Reconheço que é impossível que ele me engane jamais, já que em toda fraude e embuste se encontra algum modo de imperfeição. E, conquanto pareça que poder enganar seja um sinal de sutileza ou de poder, todavia querer enganar testemunha indubitavelmente fraqueza ou malícia. E, portanto, não se pode encontrar em Deus.
- De onde nascem então, meus erros? somente sendo a vontade muito ampla e extensa que o entendimento, eu não a contenho nos mesmos limites, mas estendo-as também às coisas que não entendo, das quais sendo a vontade em si, indiferente, ela se perde muito facilmente e escolhe o mal pelo bem, ou o falso pelo verdadeiro. o que faz com que eu me engane e peque.

Meditação quinta - da essências das coisas materiais, e novamente de Deus, que ele existe

- Como, por exemplo, imagino um triângulo, ainda que não haja talvez em nenhum lugar do mundo, fora de meu pensamento, tal figura, e que nunca tenha havido alguma, entretanto não deixa de haver uma certa natureza, ou uma essência determinada, dessa figura que é eterna e imutável, que eu não inventei absolutamente e que não depende de forma alguma de meu espírito.
- Aqui posso me objetar que talvez essa ideia de triângulo tenha vindo ao meu espírito por intermédio de meus sentidos, porque vi algumas vezes corpos de figuras triangular, pois posso formar em meu espírito uma infinidade de outras figuras, cujo não se poderia alimentar a suspeita que jamais tenham caído sob os sentidos e não deixo, todavia, de poder demonstrar

diversas propriedades relativas a sua natureza, bem como a do triângulo: as quais devem ser verdadeiras, visto que as concebo claramente.

- Ora, se do simples fato de que eu posso tirar de meu pensamento a ideia de alguma coisa, segue-se que tudo quanto reconheço pertencer clara e distintamente a essa coisa, a pertence de fato, não poderia tirar disso um argumento e uma prova demonstrativa da existência de Deus? **(prova ontológica)** pois é certo que não encontro menos em mim a sua ideia, ou de um ser soberanamente perfeito, do que a ideia de qualquer figura ou de qualquer número que seja. E não conheço menos clara e distintamente que uma existência atual e eterna pertence à sua natureza. E portanto, ainda que tudo o que concluí nas meditações anteriores não fosse de modo algum verdadeiro, a existência de Deus deve apresentar-se em meu espírito ao menos tão certa quanto considerarei até agora todas as verdades matemáticas, que se referem apenas aos números e as figuras.
- Mas após ter reconhecido haver um Deus, porque ao mesmo tempo reconheci que todas as coisas dependem dele, e que ele não é enganador, e que, em seguida a isso, julguei que tudo que concebo clara e distintamente não pode deixar de ser verdadeiro: ainda que não pense mais nas razões pelas quais julguei tal ser verdadeiro, desde que me lembre de tê-lo compreendido clara e distintamente, ninguém pode apresentar-me razão contrária alguma que me faça jamais colocá-lo em dúvida, e assim tenho ciência certa e verdadeira.
- O que poderão então objetar-me? que talvez eu durma (como eu mesmo objetei acima) ou que todos os pensamentos que tenho atualmente não são mais verdadeiros do que os sonhos que tenho atualmente não são mais verdadeiros dos sonhos que imaginamos ao dormir? Mas mesmo que estivesse dormindo, tudo que se apresenta a meu espírito com evidência é absolutamente verdadeiro. E, assim, reconheço muito claramente que a certeza e a verdade de toda ciência depende do tão-só conhecimento do verdadeiro Deus: de sorte que, antes que eu o conhecesse, não podia saber perfeitamente nenhuma outra coisa. E agora que o conheço, tenho o meio de adquirir uma ciência perfeita no tocante a uma infinidade de coisas, não somente das que existem nele mas também das que pertencem à natureza corpórea, na medida em que ela pode servir de objeto às demonstrações dos geômetras, os quais não se preocupam de modo algum com a sua existência.

Meditação Sexta - Da existência das coisas materiais e da distinção real entre a alma e o corpo do homem

- Só resta examinar a existência das coisas materiais: há as demonstrações da geometria, pois as concebo clara e distintamente.
- Há uma diferença entre a imaginação e a pura intelecção ou concepção.
- A virtude de imaginar não é necessária à minha natureza ou à minha essência, sendo assim, ele depende de algo diferente do meu espírito.
- Primeiramente, recorda em sua memória quais são as coisas que considera verdadeira, tendo-as recebido pelos sentidos, e considera o que a respeito destas deve agora acreditar.

- 7 Primeiramente, sentia que possuía um corpo, membros etc, que considerava como parte de mim ou como um todo. Além disso, sentia que esse corpo estava colocado entre muitos outros, sendo capaz de receber diversas comodidades ou incomodidades, como prazer ou dor. Também sentia fome, sede e inclinações corporais, como alegria, tristeza e outras paixões semelhantes, e no exterior, além da extensão das figuras e do movimento dos corpos, notava também qualidades que se referem ao tato. Notava também luz, cores, odores, cuja variedade fornecia meios de distinguir o céu, a terra, o mar, e geralmente todos os outros corpos uns dos outros.

- 8 Considerando as ideias de todas essas qualidades que se apresentavam em meu pensamento, das quais eram as únicas que eu sentia própria e imediatamente, não era sem razão eu acreditar sentir coisas inteiramente diferentes de meu pensamento, a saber, de onde procediam essas ideias. Pois eu experimentava que essas ideias se apresentavam ao meu pensamento sem o meu consentimento, e não poderia sentir objeto algum por mais que tivesse vontade, se este não se encontrasse presente a algum órgão de meu sentido, e não estava em meu poder não o sentir quando ele se apresentava.
- 9 Dado que as ideias que recebia pelos meus sentidos eram muito mais vivas e mais distintas do que aquelas que eu poderia simular, de forma que fosse necessário que fossem causadas em mim por qualquer outra coisa.
- 10 Lembrava também que se servia mais dos sentidos do que da razão, e reconhecia que as ideias que eu formava por mim mesmo não eram tão expressas quanto aquelas compostas por parte

delas, eu me persuadida facilmente de que não havia nenhuma ideia em meu espírito que não tivesse passado antes pelos meus sentidos

- Não era também sem razão que eu acreditava que este corpo me pertencia. Pois, jamais eu poderia ser separado dele, como de outros corpos, pois sentia nele todos os meus apetites e as minhas afecções.
- 13 Algumas experiências arruinaram os créditos que havia dado aos sentidos, exteriores ou interiores (dor), pois existem aquelas pessoas que têm algum membro amputado, que ainda pareciam sentir dor neles, mesmo que já não o tivessem. Isso dá motivo para pensar que eu não poderia estar seguro de ter dolorido algum membro, embora sentisse dor nele.
- 14 A essas razões de dúvida, ainda acrescento outras duas: a primeira é que jamais acreditei estar sentindo algo estando acordado, que não pudesse algumas vezes acreditar sentir ao estar dormindo. E a segunda é que, não conhecendo ainda, ou antes fingindo não conhecer o autor de meu ser, nada via que pudesse me impedir que eu tivesse sido feito de tal maneira pela natureza que me enganasse mesmo nas coisas que me pareciam ser mais verdadeiras.
- 15 Embora as ideias que recebo pelos sentidos não dependam de minha vontade, não pensava que devesse, por isso, concluir que procediam de coisas diferentes de mim, posto que talvez possa haver em mim alguma faculdade que seja a causa dessas ideias e que eu as produza.
- 16 Agora que conheço melhor a mim mesmo e conheço claramente o autor de minha origem, não penso, na verdade, que deva temerariamente admitir todas as coisas que os sentidos parecem ensinar-nos, mas não penso também que devemos colocar todas em dúvida no geral.
- 17 Porque sei que todas as coisas que concebo clara e distintamente podem ser produzidas por Deus tais como as concebo, então basta que eu conceba uma coisa clara e distintamente. E, portanto, pelo próprio fato de que eu conheço com certeza que eu existo, e nenhuma outra coisa à minha natureza ou a minha essência, a não ser uma coisa que pensa, concludo efetivamente que a minha essência consiste somente que eu sou uma coisa que pensa, ou uma substância da qual toda natureza consiste apenas em pensar.
- 17 Embora eu tenha um corpo ao qual estou muito estreitamente conjugado, todavia, de um lado tenho uma ideia muito clara e distinta de mim mesmo, a medida que sou uma coisa que pensa e inextensa, e por outro lado, tenho a ideia distinta do corpo, na medida que é apenas uma coisa extensa e que não pensa, então é certo que este eu, ou seja, minha alma, é inteira e verdadeiramente distinta de meu corpo e que ela pode existir sem ele.
- 19 Reconheço em mim outras faculdades, como as de mudar de lugar, colocar-me em diversas posturas e coisas semelhantes, e devem estar ligadas a alguma substância corpórea ou extensa não a uma substância inteligente. Além disso, encontra-se em mim certa faculdade passiva de sentir,

isto é, de receber e conhecer ideias das coisas sensíveis, mas esta me seria inútil, e dela nada poderia me servir, se não houvesse em mim outra faculdade ativa, capaz de formar e produzir estas ideias. É preciso então necessariamente que ela exista em alguma substância diferente de mim, na qual toda realidade que há objetivamente nas ideias por ela produzidas esteja contida formal ou iminente, e que esta substância é um corpo (natureza corpórea) na qual está contida formal e efetivamente tudo o que existe objetivamente e por representação nas ideias.

- 20 Sendo Deus de modo algum enganador, é muito provável que ele não me envie essas ideias imediatamente por si mesmo, nem por intermédio de alguma criatura, na qual a realidade das ideias não esteja contida formalmente, mas apenas eminentemente. Havendo uma forte inclinação para crer que essas ideias são me enviadas pelas coisas corporais ou partem destas, e portanto é preciso confessar que as coisas corpóreas existem.
- 21 Talvez não sejam inteiramente como as percebemos pelos sentidos, pois essa percepção dos sentidos é muito obscura e confusa em muitas coisas. existem coisas que concebo clara e distintamente como a geometria, mas no que se refere a outras coisas, por exemplo que o sol seja de uma grandeza e figura, e são concebidas menos clara e menos distintamente, como a luz, o som, a dor, e outras coisas semelhantes, é certo que, embora estas coisas sejam muito duvidosas e incertas, todavia, pelo simples fato de Deus não ser enganador e que, por consequência disso, não permitiu que pudesse haver alguma falsidade nas minhas opiniões, que não tivesse me dado também alguma faculdade para corrigi-la, creio poder concluir de maneira segura que tenho em mim os meios de conhecer-las com certeza.
- 22 Não há dúvida que tudo que a natureza me ensina contém alguma verdade, pois por natureza em geral, concebo o próprio Deus, ou a ordem e disposição que Deus estabeleceu nas coisas criadas.
- 23 Não há nada que a natureza me ensine mais expressamente nem mais sensivelmente do que o fato de que tenho um corpo, que sente dor quando está maldisposto, que tem necessidade de comer e de beber, e portanto não posso duvidar que haja nisso verdade.
- 24 A natureza me ensina também que por esses sentimentos de dor, fome, sede etc, que não somente estou alojado em meu corpo, como um piloto em seu navio, mas que além disso, estou conjugado a ele muito estreitamente, confundido e misturado, componho com ele um único todo, de forma que todos esses sentimentos nada são exceto a maneira confusa de pensar que provem e dependem da união e como que da mistura entre o espírito e o corpo.

- 25 Além disso, a natureza me ensina que muitos outros corpos existem em torno do meu, e certamente do fato que sinto diferentes sortes de cores, de odores, de sons e calor etc, concluo com segurança que há nos corpos , de onde procedem todas essas diversas percepções dos sentidos. Além disso, dessas percepções dos sentidos, algumas são agradáveis e outras não, assim posso tirar uma consequência completamente certa que meu corpo pode receber diversas comodidades ou incomodidades dos outros corpos que o circundam.

- 30 Não obstante a soberana vontade de Deus, ocorrem falhas nos juízos que formulo desta maneira. Pois, se apresenta uma dificuldade relativa às coisas que a natureza me ensina, e também no que concerne aos sentimentos interiores que ela coloca em mim. muitas vezes sou enganado pela minha natureza. ex: gosto agradável de um veneno. Conclui, dessa maneira, que a minha natureza não conhece inteiramente e universalmente todas as coisas, pois o homem sendo de natureza finita, pode não ter conhecimento de uma perfeição ilimitada.
- 32 Resta examinar como a bondade de Deus não impede que a natureza do homem, tomada desse modo, seja falível e enganadora.
- 33 Há uma grande diferença entre o espírito e o corpo, o corpo por sua própria natureza é divisível, já o espírito é sempre indivisível.
- 34 Noto também que o meu espírito não recebe imediatamente a impressão de todas as partes do corpo, mas somente do cérebro.
- 38 é verdade que Deus poderia estabelecer a natureza do homem de tal sorte que esse mesmo movimento no cérebro fizesse que o espírito sentisse uma coisa completamente diferente.
- 40 É inteiramente manifesto que, não obstante a soberana vontade de Deus, a natureza do homem enquanto composta de espírito e corpo não pode deixar de ser falível e enganadora algumas vezes.
- 42 Sabendo que todos os meus sentidos significam mais ordinariamente o verdadeiro do que o falso, no que se refere às comodidades ou incomodidades do corpo, além disso, é possível utilizar a minha memória para ligar e juntar conhecimentos presentes e passados. e meu entendimento que já sabe todas as causas dos meus erros, não devo mais temer ser encontrar falsidade nas coisas que me são ordinariamente representadas pelos meus sentidos. Devo rejeitar todas as dúvidas do passado como hiperbólicas e ridículas, particularmente esta incerteza tão geral que diz respeito ao **sono**, que eu não poderia distinguir da vigília: encontro uma diferença muito notável no fato de que nossa **memória** não pode jamais ligar e juntar

nossos sonhos uns com os outros, como toda a sequência de nossa vida, como fazemos quando estamos despertos.

- 43 É preciso confessar que a vida do homem está sujeita a falhar frequentemente nas coisas particulares, enfim, é preciso reconhecer a fraqueza e a imperfeição de nossa natureza.

FICHAMENTO

Isabele Pestana Alfonso.

Análise da trama de argumentos na obra “Meditações” cartesianas na construção da ideia do “Cogito”: uma proposta para um modelo didático para o ensino de Filosofia - Daniel Manzoni de Almeida

1. Introdução

- “O raciocínio argumentativo é relevante para o ensino, já que um dos fins da investigação filosófico-científica é a geração e a justificativa de enunciados e ações que buscam a compreensão da realidade, razão pela qual o ensino deveria dar a oportunidade de desenvolver, entre outras, a capacidade de raciocinar e argumentar.”
- Assim, essa proposta metodológica é caracterizada em quatro etapas:
 - A primeira etapa é chamada de “**Sensibilização**”. É uma etapa que concentra a atenção para o tema do trabalho a ser discutido. O objetivo dessa etapa é a sensibilização dos estudantes quanto ao tema a ser trabalhado na atividade.
 - A segunda etapa é a “**Problematização**”. Nessa etapa o tema proposto na atividade é transformado em um problema a ser investigado pelos alunos. É a etapa da formulação da pergunta que instigará e motivará a curiosidade dos alunos.
 - A terceira etapa é a “**Investigação**”. É a fase em que os alunos terão contato ou irão desenvolver metodologias (no caso filosóficas e teóricas) para responder a questão desenvolvida na etapa da problematização.
 - A quarta etapa é a “**Conceituação**”. Nessa etapa, já apresentados a uma temática problematizada e dispostos de metodologia teórica para investigação, os alunos são estimulados a criar ou recriar os conceitos propostos na atividade. (GALLO, 2007).
- A dúvida metódica, na obra *Meditações*, está estruturada em diferentes argumentos para a chegada na conclusão maior da obra cartesiana, a ideia Cogito – “penso, logo existo”. Tomando a ideia do Cogito como um “grande argumento” cartesiano, aqui, irei tomar os argumentos propostos, na primeira meditação, para demonstrar, como Dados, como fundamentar as bases argumentativas que Descartes cultivou para Concluir um conhecimento claro e distinto, o Cogito.
- Seria possível estruturar uma atividade didática para o ensino de Filosofia como, por exemplo, a explicação da ideia do Cogito cartesiano, que contemple as propostas de Toulmin?

2. Resultados

- Em O Discurso do Método (1641), René Descartes propõe um método, com regras certas que segundo ele levarão ao conhecimento verdadeiro de tudo aquilo que pode ser conhecido. Essas regras são quatro: **a) a evidência racional**, que se alcança pela indução; **b) a análise**, que propõe a decomposição de uma problemática em partes elementares para análise; **c) a síntese**, que parte dos elementos absolutos encontrados na análise; e **d) o controle**, enumeração completa dos elementos analisados e que devem ser revisados.
- Descartes tem um objetivo claro e distinto que é expor a fragilidade de todo o conhecimento construído e propor o núcleo sustentador do edifício que pretende construir a partir de então do seu método, a dúvida metódica.
- Ou seja, a radicalização cartesiana leva a sustentar o aparecimento dessa “personagem”, o Gênio maligno, como um moderador metafísico do seu método científico, como um instrumento experimental importante na flexão e articulação da engrenagem articulatória do pensamento no caminho de uma verdade.
- Para Descartes, exprimir ao limite a dúvida faz algo sobrar como indubitável devido às características racionais presentes, as matemáticas. **A proposta do Deus enganador cartesiana sustenta a existência de um ser, um Deus – um com intenções malignas e enganadoras –, que faça o homem acreditar nessa verdade, porém, que essa verdade – a das matemáticas, onde $2+3$ sempre será igual a 5 –, caso existam outros mundos, não seja verdade em outros mundos.** Ou seja, que o dois mais dois igual a quatro, válido nesse mundo, não seja igual em outro mundo. Dessa forma, essa verdade – clara e distinta – não seja verdadeira. Que esse pensamento seja causado por um Deus enganador que esteja fazendo ele acreditar nessa verdade.
- Descartes radicaliza sua proposta **levando a dúvida metódica para a dúvida hiperbólica**, como se entregasse a existência e a verdade das matemáticas a um campo impossível de transpor na racionalidade humana, ou seja, a dúvida hiperbólica é a extrema radicalidade do racionalismo cartesiano.
- Assim, o Gênio maligno, então, para Descartes, é como uma entidade ilusória que constantemente teria o papel de impor suas ilusões para crenças em realidades não existentes. Desse jogo de forças entre a atuação regadas a ilusões impostas e o exercício de superar essas falsas formas de realidade, o pensamento surgiria como a base de sustentação para o caminho da verdade por uma racionalidade pura humana.

FICHAMENTO

Isabele Pestana Alfonso.

A dúvida cartesiana dos sentidos na primeira meditação como elemento fundamental para compreensão das meditações metafísicas de Descartes - Juliana Abuzaglo Elias Martins

● **Primeira meditação**

- “No início da primeira meditação, logo na abertura do texto o pensador alerta que irá, “[...] desfazer-me de todas as opiniões a que até então dera crédito e começar tudo novamente desde os fundamentos.”

-“Nessa afirmação temos a confirmação de que o alvo de crítica e análise de descartes são os sentidos, ou ao menos podemos afirmar que seu alvo são ideias que se baseiam nos sentidos ou algum modelo ou instancia de produção de conhecimento que se apoie fundamentalmente nos sentidos. Isso nos leva a crer que, ao iniciar a sua exposição da dúvida e tratar análise desta questão é mesmo o modelo de conhecimento tomista aristotélico que ele tem em vista e está se referindo.”

● **A dúvida dos sentidos**

A duvida dos sentidos possui dois momentos:

- “O **primeiro** seria a desconfiança de Descartes em relação às qualidades dos objetos ou das coisas do mundo que são sensivelmente percebidos por nós.”

-Por exemplo, um avião de longe pode me parecer pequeno. Contudo, mais de perto,o percebe grande. De longe, posso ver um carro preto e de perto, perceber que sua cor real é azul. Em outras palavras, pode haver e há divergência entre as percepções que tenho de qualidades de objetos e coisas particulares do mundo que entro em contato.

- O **segundo**, seria referente à própria existência desses objetos, dessas coisas. O pensador então inicia sua exposição argumentando que: “[...] experimentei algumas vezes que esses sentidos eram enganosos, e é de prudência nunca se fiar inteiramente em quem já nos enganou uma vez.”

-Em outras palavras, mesmo que as percepções sensoriais nos enganem com relação à percepção de como são esses objetos, se são pequenos, grandes, preto ou azul, é inegável que as percepções não nos enganam em relação à existência dessas coisas, pois mesmo

percebendo uma qualidade de modo equivocado, é um fato real e comprovado que o objeto em questão existe. Isto não se pode duvidar. De sua existência.

- **Argumento sobre o Louco**

-“E como poderia eu negar que estas mãos e este corpo sejam meus? A não ser, talvez, que eu me compare a esses insensatos (...) que constantemente asseguram que são reis quando são muito pobres; que estão vestidos de ouro e púrpura quando estão inteiramente nus; ou imaginam ser cântaros ou ter um corpo de vidro 12.”

-“Contudo este argumento não pode ser completamente aceito, pois se refere a apenas alguns casos específicos, nos quais as percepções (dos indivíduos loucos) não são as ideais. Nas palavras de Descartes – que, por sua vez, foram tão criticadas por Foucault - o louco é o indivíduo “[...] cujo cérebro, perturbado e ofuscado pelos negros vapores da bile.”

- **Argumento dos sonhos**

- “Sob quais condições poder-se-ia duvidar das percepções sensíveis da existência das coisas? Em outras palavras, quais seriam condições legítimas de se examinar e investigar uma percepção confiável de que algo existe no mundo.”

- “Não há critérios para avaliar e distinguir se as coisas que o percebemos como existente quando estamos acordados, existem de fato ou não. No sonho as percepções e representações das coisas são falsas, pois possuem origem na minha imaginação, e na vigília essas percepções se assemelham as de quando estou dormindo, podendo também ser frutos de minha imaginação. Assim, novamente, a **dúvida em relação aos sentidos permanece.**”

- **A Dúvida da imaginação**

-“Para duvidar da imaginação, enquanto fonte de conhecimento ou fonte de produção de ideias é mostrada que as ideias compostas nesta faculdade são arbitrárias, isto é, são formadas pela mente de modo arbitrário e não necessário. Descartes faz inclusive uma analogia entre quadros de pintura que também são arbitrariamente compostos pelos artistas. As percepções sonho seriam arbitrárias e por tanto do formadas por arbitrariedade e não necessidade.”

- **Deus Enganador**

“Esta hipótese está relacionada, como podemos constatar no próprio texto, à operação puramente intelectual, ou a razão, o intelecto.”

“acreditamos que a hipótese do Deus enganador apresentada por Descartes está se referindo e questionando a validade do último momento do modelo de conhecimento empirista aristotélico. Essa seria mais uma evidencia que descartes está se referindo ao modelo de conhecimento tomista aristotélico.”

FICHAMENTO - A PÍLULA VERMELHA

Introdução - David Gerrold

Assim, podemos considerar em mais profundidade a natureza da realidade retratada pelo filme não como simples história, mas como exegese - um espelho que vemos refletido a nós e a nossa “realidade”, dando-nos, portanto, a oportunidade de *insight*. p8

O que é a Matrix? Read Mercer Schuchardt

Na mitologia grega, Morpheus era o deus dos sonhos, e o seu nome está na raiz linguística de palavras como “morfina” (droga que provoca o sono e tira a dor) e morphing (usar a tecnologia de um computador para passar de uma realidade para a outra, sem emenda perceptível). p14

Morpheus pergunta: “ Já teve um sonho real, Neo? como saberia a diferença entre o mundo do sonho e o mundo real?”... comparar o mundo dos sonhos com o mundo digital.

O que é matrix? É a realização total da sociedade tecnológica. É um tempos modernos de charlie chaplin, e um metropolis de fritz lang, para o século 21, em que não só trabalhamos para a máquina (ao invés da máquina trabalhar para nós), mas em que a máquina nos cria, nos dá vida, e nos usa de acordo com os seus desígnios. P20

Dito de outro modo, matrix é uma tese de pós-graduação sobre consciência disfarçada de filme de ação e aventura. Não importa se você é analfabeto ou tem doutorado: vai encontrar no filme algo que lhe sirva. P21

De acordo com o dicionário, é: 1. O útero. 2. Por extensão, é aquilo que dá forma, origem, ou fundamento a algo que envolve ou contém. 3. Substância intercelular de um tecido. 4. Substância terrosa ou rochosa que se encontra em minério ou mineral. 21

Citação de Claude shannon, a matrix é um robô, nós somos os cães que atuam como servos dos nossos amos tecnológicos. - “ vejo um tempo no futuro o que seremos para os robôs o que os cães são para os seres humanos. Claude Shannon, *the mathematical theory of communication* 1949.

Matrix preve um mundo em que a inteligencia artificial é não apenas mais atraente que a realidade de carne e osso, mas também mais inteligente do que a especie que a criou. Na analogia feita por Morpheus, a intenção da matrix era transformar os seres humanos em baterias (isto é, fonte de energia) para que as máquinas executem o seu trabalho. Qual é o trabalho delas? Manter nós humanos escravizados pelas nossas ilusões, a principal das quais é que a tecnologia não nos escraviza, e sim nos liberta.

O produtor executivo Andrew Mason explica que o público visado reage da melhor maneira possível, talvez, ao dizer que “Matrix é na verdade um conjunto de perguntas, um recurso para levar uma mente ignorante ou embotada a questionar quase tudo que for possível.” 23

É um mundo em que toda realidade não passa de sinais elétricos enviados ao nosso cérebro.

Matrix faz uma coisa absolutamente singular na história do cinema: um sermão para o espectador do único púlpito que restou. Incita a plateia a agir, a mudar, a reformular e modificar a sua conduta. Um filme efetivamente consegue fazer isso? [...] se algum filme consegue fazer com que acordemos, esse filme é Matrix. 24

Matrix é “o mundo que foi colocado à frente dos seus olhos para cegá-lo diante da verdade.” é a construção que o mundo se transformou, para ocultar o que sempre soubemos: somos escravos de uma força muito maior que os atos individuais. É a ilusão coletiva da humanidade que compartilha de uma realidade artificial criada pelas máquinas, a fim de mantê-la dócil e indefesa perante os seus captores, mas, falando claro, Matrix é a realização plena da sociedade tecnológica. 26

A Matrix surge no ponto em que a espécie das máquinas se dá conta de que a espécie humana é um vírus que, se for ignorado, destruirá o equilíbrio ecológico entre o meio ambiente e ela própria. A inteligência artificial nos destruirá assim que perceber que somos uma ameaça à sua sobrevivência. Mas a inteligência artificial não precisa ser realmente mais perspicaz que nós para dominar a nossa vida. Poderíamos simplesmente continuar a pensar, como fizemos pelos últimos cento e tantos anos, que a tecnologia é sempre a solução de qualquer problema humano particular. Portanto, a Matrix, ao mesmo tempo que representa ostensivamente a escravidão dos humanos pela tecnologia, faz lembrar o mundo industrializado que conhecemos no momento em que entramos no cinema. Todos sentimos, instintivamente que a tecnologia, embora propicie empregos e nos ajude a equilibrar o orçamento, nos leva a um lugar que não queremos ir. 27

Lembre-se da cena em que Thomas Anderson recebe advertência pelos atrasos no trabalho. Lembre-se de que Trinity era famosa por ter invadido a base de dados da receita federal. Lembre-se da lista do agente Smith do que era uma vida “normal”: “você trabalha em uma empresa respeitável, tem registro na previdência social, paga impostos”. Por todo filme, encontram-se em abundância pistas de que a Matrix é na verdade o nosso mundo atual. Morpheus diz “você pode senti-la quando vai ao trabalho, ou quando vai a igreja, ou quando paga os impostos”. Todos esses são componentes da vida moderna que servem para nos controlar e dos quais se pode abusar a ponto de nos tornar escravos.

Os motivos por que aceitamos esse controle são variados - desde assistirmos à televisão porque gostamos de nos divertir, até pagarmos os impostos porque achamos que não temos alternativa.

CYPHER ESTAVA CERTO? POR QUE FICAMOS NA NOSSA MATRIX? Robin Hanson

“A maioria das pessoas não está preparada para ser desligada. E muitas delas são apáticas, tão fortemente dependente do sistema, que lutarão para protegê-lo”

CYPHER ESTAVA CERTO? POR QUE FICAMOS NA NOSSA MATRIX? Lyle Zynda

Neo: isto não é real?

Morpheus: o que é real? Qual é a sua definição de real? Se você está falando do que consegue sentir, saborear, cheirar ou ver, então real são simplesmente sinais elétricos interpretados pelo seu cérebro.

Em matrix, a humanidade é usada como fonte de energia por máquinas muito inteligentes. Desde o nascimento, os seres humanos são mantidos em estado de sonhos, no qual se simula o nosso mundo nas mentes adormecidas. As máquinas sabem que os nossos órgãos sensoriais convertem as informações provenientes do mundo em sinais elétricos, que então são transformados pelo cérebro na imagem de realidade que constitui nossa experiência consciente. Assim, elas enviam ao cérebro dos humanos os mesmos sinais elétricos que um mundo real enviaria, criando uma ilusão indiferenciável da realidade. 42

Como saber se matrix não é baseado na realidade? Que não estamos realmente dormindo num mundo simulado dirigido por máquinas, assim como no filme?

Talvez as máquinas não permitiriam passar tal filme na matrix, pois isso revelaria a sua existência. No entanto, uma breve reflexão mostra que, ao contrário, essa seria a maior piada de mau gosto das máquinas: fazer-nos encolher os ombros e rir da ideia de que matrix possa ser real, afinal de contas é “só um filme” 43

Para cada um de nós, a consciência é indubitavelmente real, seja qual for a realidade externa que ela pareça nos apresentar. Com esses fundamentos, descartes passou a desenvolver uma epistemologia completa, que acabou por referendar a realidade de um mundo externo à nossa consciência. 44

Todos na matrix podem perceber que são indubitavelmente seres conscientes, cientes dos cheiros, das imagens, dos sabores, sons e sentimentos, todavia, a pergunta persiste “e se nada dessas coisas forem reais?” há a suposição de que “real” possui um significado que podemos empregar independente do que sentimos ou percebemos.

Então a matrix é ou não real? Desde que morpheus deixou bem claro que a matrix **não** é real, o argumento dele deve ser o de que o aprisionamento na matrix faz mal ao corpo, porque ele parece real.49

Neo depois de cair do prédio com a boca sangrando : achei que isso não era real

Morpheus: sua mente o torna real

Neo pergunta: se alguém morre na matrix, é aqui que morre?

Morpheus: o corpo não pode viver sem a mente.

P90 dialogo

P104 dialogo

FICHAMENTO

Isabele Pestana Alfonso

MATRIX – BEM VINDO AO DESERTO DO REAL, WILLIAN IRWIN.

- **Introdução à edição brasileira - Wagner Veneziani Costa**

“Por outro lado, Morpheus é um deus da mitologia grega, filho da noite e do sono, deus dos sonhos, filho de Hypnos. Deus que proporciona o repouso necessário ao homem fatigado para que este possa, por meio dos sonhos, libertar o adormecido de seus pesares.”

Significado do nome ‘Morpheus’, pode ter ligação com o argumento dos sonhos.

Em sua missão, Morpheus leva Neo para conhecer o "Oráculo", que logo lhe mostra a frase "Conhece-te a ti mesmo", que no Templo de Delfos assim aparece inscrito: "Conhece-te a ti mesmo e conhecerás o Universo e os deuses".

- **Prólogo à Matrix (Marcos Torrigo)**

“ O sucesso do filme Matrix reside no fato de ser um espelho de todos nós, não importando a crença, a raça ou a formação; um eco de nossas mentes ou, talvez, de nossas almas. Um programa base, um código de acesso aos meandros internos da espécie humana ou, quem sabe, das forças que movem o Cosmos.”

“Olhar para a Matrix é olhar para nossa mente. Ela está programada para nos dar todas as respostas (mesmo erradas), com uma capacidade gigantesca de criação e autopreservação. Ao mesmo tempo em que realiza os nossos desejos, escraviza-nos a eles.”

“O mundo moderno é fruto da Matrix, tudo a nossa volta nasceu dela (da mente ou Matrix, como preferir), desde a bateria do seu relógio de pulso à nossa língua, à moral, à filosofia e à ciência. Além disso, tudo o que é captado pelos sentidos é interpretado pela programação do cérebro. Este programa foi criado, de um lado, pela seleção evolutiva natural a todas as espécies e, de outro, por nossas próprias criações. Programas gerando programas, dando origem ao que chamamos de sociedade.

Ao olharmos à nossa volta, veremos um reflexo de nós mesmos, de nossos sonhos e pesadelos materializados, produzidos na Matrix e tornados "reais". Esta realidade virtual é

onde vivemos com nossas leis, normas, nossos sinais e tantos outros elementos artificiais, formando um grande jogo baseado em convenções arbitrárias criadas pela Matrix” p 20

A internet e os programas imitam o nosso mundo e a nossa maneira de agir, porque foram criados por nós. Desta forma, eles refletem os nossos anseios, sendo uma continuação nossa. Mas, se é assim com os programas, também é conosco; então, de onde vem a nossa programação?

O cérebro humano capta inúmeras frequências dimensionais, interpreta-as e, por meio delas, cria a "realidade". Assim sendo, elementos não sujeitos às leis de tempo e espaço são integrados, um universo holográfico apreendido por uma mente holográfica.

A supraconsciência ou os êxtases místicos e ainda os fenômenos paranormais (como o déjà vu, por exemplo) são possíveis quando a mente acessa a matriz (ou Matrix), na qual a "realidade" é concebida.

Mas de onde vem a palavra Matrix?

A raiz indoeuropéia Matr, mãe, originou inúmeras palavras em línguas atuais que designam termos correlatos. Matrix é a fêmea com crias (na Matrix, os seres humanos são armazenados como fonte de energia, em casulos que lembram um feto no útero), ou seja, amamentando (nutriz), tronco, origem, útero, matriz, de onde todos nós viemos; e até o termo metrópole lhe é advindo, ou mesmo matrícula que significa registro, controle. O termo também liga a matéria como origem e componente das coisas.

A matéria para os pré-socráticos era o elemento primordial com o qual eram compostos todos os seres da natureza. O termo physis, origem da palavra física, designava a matriz da realidade. O platonismo herdou, em parte, esta concepção. pg 39

Se por um lado o destino, o oráculo, nos impele a ir atrás do nosso papel no drama cósmico, por outro, ele nos prende ao ciclo. Assim, cada pessoa, de uma forma ou de outra, é uma peça da engrenagem. Se ele está completamente imerso no sistema e profundamente inconsciente, cumprirá os desígnios básicos da Matrix, sendo um "escravo" dela. p 39

● **INTRODUÇÃO: MEDITAÇÕES SOBRE MATRIX**

Parafraseando Trinity, são as perguntas que nos movem. Os autores participantes recorreram a Platão, Aristóteles, São Tomás de Aquino, Descartes, Kant, Nietzsche, Sartre,

Sellars, Nozick, Baudrillard e Quine (entre outros filósofos) para abordar as questões: O que posso saber? O que devo saber? O que posso esperar? O que é real? O que é a felicidade? O que é a mente? O que é liberdade, e como a obtemos? A inteligência artificial é possível? Às respostas a essas perguntas nos levam a explorar muitos dos principais ramos da filosofia, incluindo metafísica, epistemologia, ética, estética, filosofia da mente, filosofia da religião e filosofia política. Apesar da multiplicidade de perguntas, há somente um imperativo: ACORDE! pg 45

Ninguém faria objeção se recorrêssemos às obras de Homero, Dante e Shakespeare para levantar questões filosóficas. Matrix não pertence à lista dos clássicos ocidentais; no entanto, o filme levanta as mesmas questões filosóficas que as grandes obras da literatura. Se a filosofia só fosse encontrada nos textos de filósofos e só tivesse relevância nas vidas dos professores, seria a disciplina enfadonha e estéril que muita gente pensa, erroneamente. Mas a filosofia existe em toda a parte, é sempre relevante e pode iluminar a vida de todo mundo; como Matrix, ela "está em todo lugar". p 46

Por que a maioria das pessoas não conhece uma das maiores histórias que a nossa cultura tem a oferecer? O principal motivo disso é que deixamos a cargo dos professores de filosofia na faculdade a tarefa de contar histórias. Nem todas as pessoas frequentam a faculdade e, tristemente, nem todos que vão à faculdade frequentam um curso de filosofia. Enquanto a Filosofia é o ambiente ideal para estudar filosofia minuciosamente e discutir com entusiasmo a vida de Sócrates, não é preciso esperar uma oportunidade que talvez nunca apareça. Assim como a história de Jesus, a de Sócrates deveria ser o tema de livros infantis, discussões em família e na escola e programas de televisão.

comparação de neo com Sócrates

A missão de Neo é salvar a raça humana da escravidão involuntária à inteligência artificial. Sócrates também tem uma missão, uma missão do deus Apolo, que fora passada pelo oráculo de Delfos a seu amigo Cerapião. Sua missão, caso ele a aceitasse, seria "despertar" o povo de sua cidade natal, Atenas.

Como Neo, a excelente aventura de Sócrates é inflamada pelas palavras de um oráculo e um certo discernimento sobre a natureza do conhecimento e da sabedoria.

Apontando para um sinal em cima da porta da cozinha ela pergunta a Neo se ele sabe o que está escrito. É latim, ela explica. Significa: "Conhece a ti mesmo". Essa sabedoria é, na

verdade, a chave para compreender a profecia do Oráculo. A mesma frase estava inscrita em grego $\gamma\upsilon\tau\acute{o}\tau$ coruív (emvez de latim "bárbaro", Temet Nasce) no templo de Apolo em Delfos, e certamente era mais importante para a interpretação de qualquer profecia da Pítia do que a resposta do Oráculo, em si.

Morpheus diz a Neo que ele "nasceu numa prisão para a mente [dele]." Até os escravos, prisioneiros de guerra e vítimas dos campos de concentração às vezes conseguem manter a própria mente livre. "Podem ter meu corpo, mas nunca terão minha mente." p56

Como o prisioneiro de Platão, Neo se vê acorrentado ou, mais precisamente, preso por fios pretos que estimulam o espetáculo de sombras ilusórias da Matriz. Na alegoria de Platão, não está claro quem liberta o prisioneiro, enquanto em Matrix é Morpheus (na mitologia grega, o nome do deus do sono, que traz mudanças por meio dos sonhos).

Neo, a princípio, fica estarecido ao ver os outros prisioneiros que vegetam, conectados em invólucros ou casulos róseo-gosmentos. Ele não quer aceitar que aquilo que está vendo agora é real, e que vinha vivendo até então num mundo de sonho. "A maior parte dessas pessoas não está pronta para ser desconectada", Morpheus lhe assegura. Assim como o gradual ajuste do prisioneiro de Platão ao mundo, a reabilitação de Neo também é dolorosa. "Por que os meus olhos doem?", ele pergunta. "Porque você nunca os usou", Morpheus responde.

Neo também aprende que o intelecto é mais importante que os sentidos. A mente é mais importante que a matéria. Quanto a Platão, o físico não é tão real quanto a Forma; por isso, para Neo, "não existe colher". Neo é a reencarnação do homem que libertou os primeiros humanos. Platão postulava que o intelecto e o corpo são tão alheios um ao outro que sua união no nascimento traumáticamente provoca perda de memória, um tipo de amnésia.

Não é a total perda de memória que Cypher, o traidor, procura, mas sim o tipo que acomete uma pessoa após beber demais. Os detalhes podem voltar com a estimulação certa e as pistas adequadas. Para Platão, déjà vu não é evidência de uma falha na Matriz, e sim uma recordação (anamnesis) das Formas. p 61

- **CETICISMO, MORALIDADE E MATRIX - Gerald J. Erion e Barry Smith**

Nesse sentido, as crenças de Anderson sobre a realidade são como as suas e as minhas e, sendo assim, explicam por que é tão doloroso para ele aprender que o mundo onde pensa viver, o mundo que vê todo dia, não é real. Na verdade, o confortável reino onde Anderson parece existir em sua vida cotidiana é um vasto e deliberado engano produzido em seu cérebro por um sistema de computadores inteligentes que semeiam, cultivam e colhem seres humanos como fonte de energia renovável.

citação, matrix está em toda parte: Está ao nosso redor. Mesmo aqui, nesta sala. Você pode vê-la quando olha através da janela, ou quando liga a televisão. Pode senti-la quando vai trabalhar, quando está na igreja, ou quando paga seus impostos. E o mundo que jogaram diante de seus olhos, para deixá-lo cego quanto à verdade... que você é um escravo, Neo. Como todo mundo, você nasceu na escravidão, numa prisão que você não pode cheirar, provar nem tocar. Uma prisão para a mente. - A verdade é que eles passam a vida toda confinados a pequenos contêineres que coletam e distribuem sua energia bioelétrica a feitores computadorizados. p 64

- **Por que você pode estar numa matrix: René Descartes e o demônio maldoso**

“Em filosofia, a hipótese de que o mundo que vemos, ouvimos e sentimos pode ser uma ilusão é defendida pelos proponentes de uma posição conhecida como ceticismo. Os céticos argumentam que não podemos saber com certeza que o mundo externo existe. Portanto, afirmam que é possível duvidar de nosso conhecimento do mundo externo, do mesmo modo como os personagens de Matrix começam a duvidar do mundo cotidiano onde parecem viver. {...} Descartes, que vêem os cenários do tipo Matrix como ferramentas úteis para explorar questões fundamentais sobre conhecimento e realidade.” **P65**

- Descartes; ceticismo, dúvida dos sentidos
- **dúvida dos sentidos:** Somos incapazes de distinguir as experiências em vigília daquelas que parecemos ter em sonhos até acordarmos, uma noção que **Morpheus afirma, quando pergunta: Já teve um sonho, Neo, que você tinha certeza de que era real? E se você não conseguisse acordar desse sonho? Como saberia a diferença entre o sonho e o mundo real? P 68**
- **gênio maligno:** Nesse contexto, as pessoas que assistiram à Matrix poderiam ter sérios motivos para questionar se devemos excluir a possibilidade de que as vidas

significativas que pensamos viver são, de fato, um conjunto de mentiras implantadas em nossos cérebros por sistemas computadorizados inteligentes.

POR QUE VOCÊ PODE; ESTAR NUMA MATRIX, CONTINUAÇÃO DO CIENTISTA MALIGNO DE PETER UNGER E DE CÉREBRO NUM BARRIL DE HILARY PUTNAM

Em sua contribuição contemporânea ao debate sobre ceticismo, Peter Unger — também defensor da posição cética — sugere a possibilidade de sermos narcotizados não por um demônio, mas sim por um cientista maligno.

[4. Peter Unger, *Ignorance* (Oxford: Clarendon, 1975), p. 7-8.] No cenário de Unger, apresentado em seu livro lançado em 1975, *Ignorance* [Ignorância], a crença comum de que existem cadeiras, livros e outros objetos semelhantes no mundo ao nosso redor é simplesmente um engodo elaborado, estimulado em nossos cérebros por um cientista do mal, um super neurologista que usa um computador para gerar impulsos elétricos que são, por sua vez, transmitidos a eletrodos fixados nas partes relevantes de nosso sistema nervoso central. Usando esses impulsos para estimular nossos cérebros, o cientista nos faz pensar que há cadeiras e livros, embora tais coisas não existam no mundo. Um cenário assim, afirma Unger, teria a seguinte implicação: "Ninguém pode saber [com plena certeza] que não existe um cientista maligno que, por meio de eletrodos, realmente esteja enganando as pessoas para acreditarem falsamente que existem rochas" e, portanto, ninguém pode saber que existem rochas. Do mesmo modo, você não pode saber que está em sua cadeira, lendo este livro, pois não pode ter certeza absoluta de que não está sendo submetido à manipulação de um neurologista maligno ou de um sistema computadorizado do tipo Matrix.

Na versão de Putnam do argumento, um cientista maligno nos engana não só com rochas, mas com tudo o que achamos captar por meio dos sentidos. (5) [5. Hilary Putnam, *Reason, Truth and History* (Nova York: Cambridge University Press, 1981), p. 5-8. Embora Putnam não use esse cenário para argumentar em favor do ceticismo, a obra dela foi uma poderosa contribuição para tais discussões.] Putnam começa pedindo-nos para imaginar que nossos cérebros tenham sido separados cirurgicamente do resto do corpo e colocados em barris cheios de elementos químicos que os nutrem. Um poderoso computador envia impulsos elétricos aos nossos cérebros, criando, por exemplo, a ilusão de que estamos sentados em

cadeiras, lendo livros, jogando tênis e assim por diante. O tempo todo, porém, nossos cérebros sem corpos estão flutuando em barris no laboratório do cientista do mal.

- **Alívio da matrix: argumentos contra o ceticismo**

“{...} o contexto da própria busca de Descartes pelo conhecimento perfeito, conhecimento que cumpriria os mais altos ideais da ciência. Lembre-se de que para Descartes o conhecimento exige certeza absoluta; não podemos estar absolutamente certos de que um demônio maldoso (ou um sistema computadorizado maligno) não está nos enganando durante a sensação; por isso, argumenta Descartes, não podemos usar a sensação para justificar nossas alegações de conhecimento”.

- **MORALIDADE E A MATRIX: O ERRO DE CYPHER**

Cansado do mistério do mundo real, Cypher concorda em levar Smith até Morpheus em troca de uma vida como um ator famoso e rico dentro da Matriz. Cypher sabe que a Matriz não é real, mas ele acredita que pode tornar sua vida melhor, simplesmente ignorando isso e recolhendo-se de volta ao agradável mundo da fantasia ilusória.

- **A Possibilidade de Matrix. David Mitsuo Nixon**

“Após assistir a Matrix, tenho de perguntar: será que estou na Matrix agora? Talvez tudo o que vejo, sinto, degusto e toco, tudo o que eu penso que é real, seja parte de "um mundo de sonho gerado por computador" e, na realidade, meu corpo está flutuando num casulo de gosma cor-de-rosa. Essa é uma idéia tão assustadora e interessante que vale a pena dar-lhe um nome. Para facilidade de referência, nós a chamaremos de "a Possibilidade de Matrix": é possível que eu esteja na Matrix agora (ou que você esteja!).”

{...} perguntas que cercam a Possibilidade de Matrix. Entre elas:

(a) mesmo se estivermos realmente na Matriz, que implicações a Possibilidade de Matrix tem para o que sabemos ou não sabemos?

(b) Como Neo fica sabendo — se é que fica — que estava na Matriz?

(c) A Possibilidade de Matrix faz sentido?

- **Sabemos mesmo alguma coisa?**

“Portanto, a Possibilidade de Matrix implica o seguinte: é possível que um punhado de minhas crenças atuais seja falso.”

Há duas formas típicas de reações que as pessoas tem quanto à ideia de que suas crenças sejam falsas:

1. Você tem crenças plausíveis, mas elas podem ser falsas, pois você não conhece a verdade.

“Nela, Descartes brinca com a possibilidade de que um "demônio maldoso de grande poder e astúcia tenha empregado todas as suas energias para me enganar". (15) [15. René Descartes. *Meditações sobre a Filosofia Primeira*, p. 15.] Para Descartes, a mera possibilidade de que existisse um demônio o enganando era suficiente para deixá-lo em dúvida sobre ter realmente qualquer conhecimento — pelo menos das coisas sobre as quais o demônio poderia estar enganando-o.”

2. "se você observar o modo como usamos o termo 'saber' no mundo real, verá que existem todos os tipos de circunstâncias em que reconhecemos a possibilidade de ter uma crença falsa, mas ainda assim a chamamos de conhecimento".

“A resposta adequada a alguém me dizer que minha crença pode estar errada é: "E daí?". Não é a possibilidade que importa, e sim a probabilidade. Não estou mudando coisa alguma sobre aquilo que acredito ou penso que sei.”

O primeiro se refere a um tipo de superconhecimento tal que você não pode dizer que sabe algo, a menos que não haja a menor possibilidade de estar enganado. Esse é o tipo de conhecimento que Descartes, com seu ceticismo metodológico, buscava como pedra fundamental de todos os outros conhecimentos.

O segundo é um conhecimento comum, do tipo que lhe permite dizer que você tem conhecimento comum de uma coisa, mesmo que exista a possibilidade de um engano; embora você não possa dizer que tem conhecimento comum de algo se tiver um bom motivo para pensar que provavelmente está errado.

- **Neo sabe que estava na matrix?**

Antes de oferecer a Neo a pílula azul e a vermelha, Morpheus lhe diz: "Não se pode dizer a ninguém o que é a Matriz. Você tem de vê-la por si mesmo". Ele não explica por quê, mas posso aventurar um palpite: ninguém acreditaria, se lhe contassem. Bem, deixe-me corrigir isso: as únicas pessoas que acreditariam seriam aquelas crédulas ou tolas, capazes de crer em qualquer coisa. p 84

“Portanto, Neo não pode saber sobre a Matriz apenas com o testemunho de Morpheus, pois seria tolo acreditar nessa história; e uma crença tola (mesmo que leve a alguma coisa certa) não é conhecimento. Para uma crença ser considerada conhecimento, deve ser justificada. Na verdade, a descrição tradicional é a de que conhecimento é uma **crença verdadeira justificada**. Na versão tradicional, se você acredita numa coisa, e sua crença é verdadeira, você está justificado em acreditar; então podemos afirmar corretamente que você sabe ou conhece aquela coisa.

Neo toma a pílula vermelha para poder enxergar "até que profundidade do buraco o coelho vai". Em poucos minutos, ele passa a ter as experiências provavelmente mais estranhas que já teve na vida; vê um espelho quebrado se consertar sozinho. Toca o espelho e este começa a cobri-lo com uma estranha substância gelatinosa, parecida com o próprio espelho. De repente, ele se vê numa espécie de invólucro de gosma cor-de-rosa com plugues e fios saindo de seus braços, pernas, costas e cabeça. Ele vê também milhões de outros invólucros. Um robô parecido com uma aranha chega voando, pega-o pelo pescoço, retira-lhe o plugue da cabeça e vai embora. Em seguida, seu invólucro é drenado e ele escorrega por um tubo, indo parar numa espécie de sujeira de esgoto, para no minuto seguinte ser içado por um enorme guindaste. Ele perde e recupera a consciência. Por fim, está suficientemente bem para fazer um passeio pela nave onde se encontra. Colocam uma espécie de plugue em sua cabeça e, de repente, ele está na "construção" — o loading program — onde Morpheus finalmente lhe conta toda a história da Matrix. p85

“Então, Neo tem um bom motivo para acreditar naquilo que crê agora — que foi, mas não é mais, um prisioneiro da Matriz? Nesse caso, podemos afirmar que ele não só acredita, mas sabe, dada a possibilidade de crer, isso deve ser conhecimento comum”

Suponhamos que Neo tenha 25 anos de idade. Nesse caso, se ele acreditar na história da Matriz, deverá jogar fora 25 anos de experiências perfeitamente normais, não mais confiáveis, em troca de alguns dias de experiências muito estranhas que ele deve aceitar

como verdadeiras. Isso parece um pouco precipitado. {...} Ou seja, por causa das experiências que teve durante 25 anos, ele sabe o que é razoável inferir a partir da informação fornecida pelos sentidos. Mas se ele acreditar na história da Matriz, então tudo o que aprendeu sobre como interpretar suas experiências deve ser descartado.

Há muitas coisas desse tipo em que acreditamos, mesmo que sejam tão óbvias que jamais paramos para pensar nelas. Não só nós (você, eu, Neo) acreditamos nessas coisas estranhas, porém óbvias, mas somos justificados por acreditar. E lógico ou razoável acreditar nelas. Mas por mais óbvias que sejam, não nascemos acreditando. Então, o que justifica nossa crença nessas coisas? Somos justificados em acreditar nelas porque se encaixam em todas as experiências que tivemos (e não temos motivo para não confiar nessas experiências).

Você pode pensar que as novas experiências de Neo rapidamente justificariam sua crença de que o mundo real é semelhante (nos modos certos) ao mundo da Matriz; mas na verdade essas novas experiências são inúteis a menos que ele esteja justificado em depender de certos princípios interpretativos como os listados acima. E, como vimos, ele não pode confiar nesses princípios simplesmente porque não pode confiar em suas experiências passadas. E não pode confiar nas experiências atuais sem confiar nas passadas. Essa conclusão é, na verdade, uma consequência de uma visão amplamente aceita em epistemologia, chamada de **holismo**; nenhum pedaço de uma experiência pode realizar qualquer trabalho justificativo sozinho, mas somente como parte de um conjunto interconectado muito maior de experiências e crenças — algumas das quais incluem, claro, os princípios interpretativos.

- **Vivendo na Matrix: Alguns problemas filosóficos clássicos.**

O enredo do filme permite levantarmos não só veneráveis problemas filosóficos sobre a relação de mente e corpo e a incerteza do conhecimento, mas também paranóias mais **contemporâneas sobre o poder político num mundo infestado pela cibernética.**

O começo de Matrix é salpicado de referências ao problema de sonhar, e mais de uma vez Neo acorda na cama, suado e ofegante após um encontro aterrador com a Matriz. Embora esses momentos talvez sejam artifícios de transição muito convenientes de cena em cena, assim como o argumento do sonho, eles levantam a questão de se inferências válidas podem ser fundamentadas em qualquer experiência perceptiva específica.

A versão contemporânea do enganador maligno, claro, é o computador do mal — a apavorante mente cibernética que reverteu os papéis de programado e programador, e

artificialmente induz experiências que constituem uma vida. O modo como isso é feito em Matrix é revelado na cena que voto como a mais assustadora do filme, em que Neo é jogado em um dos invólucros que transmitem aos organismos humanos os sonhos de suas vidas. De lá ele tem permissão — de um modo um tanto incoerente, uma vez que ele está justamente no lugar onde não tem uma vantagem sobre a própria Matriz — de ver de relance milhões de outros invólucros cheios de seres humanos, sensíveis e sonhando. Essa cena reflete o mais apavorante problema filosófico que conheço: **o experimento de pensamento que supõe que todos nós somos apenas cérebros num barril, e só impulsos elétricos nos fornecem uma vida mental.**

- **Os sentidos na Matrix e em Matrix**

Como explica Morpheus, a Matriz é "o mundo que jogaram diante de seus olhos, para deixá-lo cego quanto à verdade... que você é um escravo". No entanto, a despeito dos penetrantes enganos visuais da Matriz, Morpheus insiste em que Neo use os olhos na mais alta invocação epistêmica — para ver a verdade além da ilusão e compreender. 107

“Morpheus: O que é real: Como você define real: Se você está falando do que pode ser cheirado, provado e visto, então real é simplesmente um sinal elétrico interpretado por seu cérebro.”

Com força dedicada de caráter, Morpheus permanece comprometido ao mundo bruto, real, que causa esses sinais cerebrais. Mas Cypher desvia por uma direção plausível: se o mundo real é de fato apenas um conjunto de experiências fenomenais dos sentidos, o que importa de onde elas vêm? Se a realidade chega até às sensações de uma pessoa, então nada há de imoral em querê-la, pois não há mais nada que exija a atenção moral. Cypher, então, vai atrás dos prazeres dos sentidos físicos, há muito associados à tentação e ao pecado. Ao fazer isso, ele não só comete uma falha moral, mas também um erro de cálculo epistêmico, pois escolhe a ilusão à realidade — o que constitui uma refutação implícita e talvez inadvertida da análise da experiência sensorial em termos totalmente subjetivos. Ou seja, se Cypher está errado, Morpheus também está: as sensações não são em todos os casos apenas interpretações de estímulos cerebrais, mas também indicadoras de uma realidade externa que exige atenção e respeito.

Quando Neo sai de um confronto, ele sente o gosto de sangue que escorre de sua boca e fica surpreso que uma experiência virtual pudesse causar ferimento físico. "Se você é morto na Matriz, morre aqui?", ele pergunta. Morpheus responde, sóbrio: "O corpo não pode viver sem a mente", reforçando seu comentário sobre a experiência virtual: "a mente torna tudo real". 115

- **A Metafísica de Matrix**

"É a pergunta que nos impele, Neo. Foi a pergunta que trouxe você aqui. Você sabe a pergunta, assim como eu sei. A resposta está lá fora, Neo".

A pergunta é: "O que é a Matrix?", e a busca pela resposta acaba tirando Neo da prisão e levando-o ao mundo real. A saída de Neo da Matriz não é diferente da subida do prisioneiro da caverna, na alegoria de Platão; mas a realidade que Neo descobre não é um reino abençoado de Formas, puras e reluzentes em beleza. Em vez disso, ele se depara com uma realidade que é feia, um mundo destruído por guerra entre humanos e máquinas, onde a existência é dosada somente com os meios mais pobres e a vida é vivida com uma constante ameaça de morte. É uma realidade descrita por Morpheus como um deserto, tão lúgubre que, depois de nove anos, Cypher decide abandoná-la, mesmo que isso implique a traição de seus companheiros.

O mundo de Matrix parece ser falsamente simples, mas, na verdade, é muito complexo e lembra, em muitos aspectos, o nosso mundo. Contudo, ele utiliza somente algumas das categorias mais gerais. Duas delas são fundamentais, e têm sido usadas em filosofia desde os pré-socráticos. Geralmente são chamadas de aparência e realidade, mas em Matrix, são constantemente indicadas através dos adjetivos "real" e "virtual", que por sua vez se unem a "mundo", como em "mundo real" e "o mundo virtual". A segunda também é mencionada como "o mundo dos sonhos", quando, por exemplo, Morpheus explica a Neo em sua primeira viagem ao loading construído: "Você tem vivido num mundo de sonhos, Neo". É conveniente usar "irreal" no lugar de "virtual" e "sonho" porque contrasta mais claramente com "real". Essas categorias são apresentadas como mutuamente exclusivas.

Além disso, naquela importante conversa mencionada acima, bem como em outros momentos durante todo o filme, os dois mundos são descritos como igualmente exaustivos. Isso significa que tudo o que é real não é irreal, e vice-versa; e tudo é ou real ou irreal. Nossa função como metafísicos, então, envolve ampliar a classificação dos itens que pertencem a

categorias menos gerais, e presentes em Matrix, numa ou noutra dessas duas categorias mais gerais, e explicar como tudo funciona em conjunto. 123

Uma maneira de determinar status ontológico é em termos de dependência. O mundo real em Matrix, pelo que podemos ver, não depende de outra coisa para existir; ele se auto-sustenta. Não há menção de um demônio maldoso, um gênio do mal ou do bem, de cuja vontade depende o mundo real. Mas mesmo que houvesse, isto é, mesmo que a existência de coisas no mundo real fosse dependente de tal gênio, o status ontológico do mundo irreal pode ser visto como muito mais fraco, muito menos independente do que o mundo real. Isso porque o mundo irreal depende inteiramente de coisas no mundo real para existir. O mundo virtual existe enquanto as máquinas artificialmente inteligentes continuam operando o programa e gerando sinais elétricos que afetam os cérebros humanos — e lembre-se de que as máquinas, os programas, sinais elétricos e cérebros são reais — o que incita a mente — também real — a produzir as entidades digitais e aparências do mundo irreal. O mundo irreal tem um status ontológico mais fraco porque depende de coisas no mundo real para existir.

matrix e a caverna de platão 220

Matrix é inquestionavelmente um filme de gênero misto. Nosso argumento é que, considerando os elementos particulares que compõem essa mistura, podemos encontrar as raízes narrativas de temas mais obviamente filosóficos de Matrix. Matrix certamente tem sua quota de temática e alusões filosóficas. O filme faz referências a questões cruciais de metafísica e epistemologia, tais como a natureza da verdade e da crença, a distinção entre aparência e realidade, bem como as possibilidades e os limites do conhecimento. O que, por exemplo, conta como crença justificável num mundo virtual? Matrix alude a temas centrais da ética e da filosofia moral, como a questão de se realmente temos livre-arbítrio ou se somos controlados de forma determinista por forças externas a nós. Os filósofos imediatamente notarão paralelos entre Matrix e textos canônicos como A República de Platão, principalmente a alegoria da caverna, e Meditações sobre a Filosofia Primeira, de Descartes, notadamente a hipótese do sonho. E não deveríamos esquecer as alusões espirituais e religiosas que vão desde o Übermensch (ou super-homem)* de Nietzsche, passando pelo zen-budismo até o cristianismo apocalíptico, nem o que Matrix nos diz sobre tecnologia e ciência. Discutivelmente, qualquer consideração devidamente filosófica de Matrix precisa reconhecer o que está acontecendo no nível do gênero, no filme. Quando a herança genérica é

reconhecida no filme, fica mais fácil constatar as raízes literárias de seus motivos filosóficos dominantes e também compreender por que, quaisquer que sejam as questões filosóficas a que Matrix alude, o filme não propõe respostas filosóficas, mas somente de gênero.

FILOSOFIA E MATRIX 325

Quando Matrix estreou em 1999, podiam-se ver filósofos conversando, ou nos corredores das universidades ou em conferências acadêmicas, e estavam contando uns aos outros a mesma história. Em qualquer curso de introdução à filosofia, após ser mencionada a caverna de Platão ou a Primeira Meditação de Descartes, os alunos já levantavam a mão no meio da aula ou procuravam o professor após a aula e diziam: "É bem como no filme Matrix". As alusões filosóficas de Matrix são muitas; e são suficientemente abertas para permitir uma gama de interpretações e especulações filosóficas. Os estudantes não tardam a ver paralelos entre o mundo ilusório experimentado pelos prisioneiros na caverna de Platão e os humanos aprisionados em casulos pela Matriz.

Os estudantes também percebem rapidamente que o assombro inicial de Neo por tudo talvez não passe de um sonho, é comparável à hipótese do sonho de Descartes, em sua Primeira Meditação. Em ambos os casos, as alusões de Matrix têm o intuito básico de promover suspense, ansiedade, horror e até terror, mas não reflexão filosófica.

Matrix levanta questões de importância filosófica, mas seu objetivo não é proporcionar resposta alguma. Por essas razões, concluímos que Matrix é inquestionavelmente um exemplo de gênero real, mas apenas uma pequena amostragem de filosofia virtual.

A idéia do demônio maldoso no século XVII, e até recentemente, era algo sobrenatural. Pouquíssimas pessoas eram capazes de imaginar como uma entidade todo poderosa e maléfica poderia implantar crenças em nossas mentes. Hoje em dia, com o advento da simulação por computador e o conhecimento de que o cérebro opera por meio de impulsos elétricos, tudo isso parece possível, ainda que apenas remotamente. Então, Matrix e outros filmes e livros de ficção científica facilitam o trabalho dos professores de filosofia. O ceticismo global não é tão ridiculamente absurdo. Com os rápidos avanços nas ciências da computação e do cérebro, talvez cheguemos um dia ao ponto em que imagens e experiências simuladas da vida real

possam ser transmitidas com sucesso à mente e ao sistema nervoso central. Talvez isso já esteja acontecendo e você esteja deitado numa banheira de gosma, pensando em outra coisa.

"Como você reconheceria a diferença...?" 364

FICHAMENTO

Isabele Pestana Alfonso.

A dúvida cartesiana dos sentidos na primeira meditação como elemento fundamental para compreensão das meditações metafísicas de Descartes - Juliana Abuzaglo Elias Martins

● **Primeira meditação**

- “No início da primeira meditação, logo na abertura do texto o pensador alerta que irá, “[...] desfazer-me de todas as opiniões a que até então dera crédito e começar tudo novamente desde os fundamentos.”

-“Nessa afirmação temos a confirmação de que o alvo de crítica e análise de descartes são os sentidos, ou ao menos podemos afirmar que seu alvo são ideias que se baseiam nos sentidos ou algum modelo ou instancia de produção de conhecimento que se apoie fundamentalmente nos sentidos. Isso nos leva a crer que, ao iniciar a sua exposição da dúvida e tratar análise desta questão é mesmo o modelo de conhecimento tomista aristotélico que ele tem em vista e está se referindo.”

● **A dúvida dos sentidos**

A duvida dos sentidos possui dois momentos:

- “O **primeiro** seria a desconfiança de Descartes em relação às qualidades dos objetos ou das coisas do mundo que são sensivelmente percebidos por nós.”

-Por exemplo, um avião de longe pode me parecer pequeno. Contudo, mais de perto,o percebe grande. De longe, posso ver um carro preto e de perto, perceber que sua cor real é azul. Em outras palavras, pode haver e há divergência entre as percepções que tenho de qualidades de objetos e coisas particulares do mundo que entro em contato.

- O **segundo**, seria referente à própria existência desses objetos, dessas coisas. O pensador então inicia sua exposição argumentando que: “[...] experimentei algumas vezes que esses sentidos eram enganosos, e é de prudência nunca se fiar inteiramente em quem já nos enganou uma vez.”

-Em outras palavras, mesmo que as percepções sensoriais nos enganem com relação à percepção de como são esses objetos, se são pequenos, grandes, preto ou azul, é inegável que as percepções não nos enganam em relação à existência dessas coisas, pois mesmo

percebendo uma qualidade de modo equivocado, é um fato real e comprovado que o objeto em questão existe. Isto não se pode duvidar. De sua existência.

- **Argumento sobre o Louco**

-“E como poderia eu negar que estas mãos e este corpo sejam meus? A não ser, talvez, que eu me compare a esses insensatos (...) que constantemente asseguram que são reis quando são muito pobres; que estão vestidos de ouro e púrpura quando estão inteiramente nus; ou imaginam ser cântaros ou ter um corpo de vidro 12.”

-“Contudo este argumento não pode ser completamente aceito, pois se refere a apenas alguns casos específicos, nos quais as percepções (dos indivíduos loucos) não são as ideais. Nas palavras de Descartes – que, por sua vez, foram tão criticadas por Foucault - o louco é o indivíduo “[...] cujo cérebro, perturbado e ofuscado pelos negros vapores da bile.”

- **Argumento dos sonhos**

- “Sob quais condições poder-se-ia duvidar das percepções sensíveis da existência das coisas? Em outras palavras, quais seriam condições legítimas de se examinar e investigar uma percepção confiável de que algo existe no mundo.”

- “Não há critérios para avaliar e distinguir se as coisas que o percebemos como existente quando estamos acordados, existem de fato ou não. No sonho as percepções e representações das coisas são falsas, pois possuem origem na minha imaginação, e na vigília essas percepções se assemelham as de quando estou dormindo, podendo também ser frutos de minha imaginação. Assim, novamente, a **dúvida em relação aos sentidos permanece.**”

- **A Dúvida da imaginação**

-“Para duvidar da imaginação, enquanto fonte de conhecimento ou fonte de produção de ideias é mostrada que as ideias compostas nesta faculdade são arbitrárias, isto é, são formadas pela mente de modo arbitrário e não necessário. Descartes faz inclusive uma analogia entre quadros de pintura que também são arbitrariamente compostos pelos artistas. As percepções sonho seriam arbitrárias e por tanto do formadas por arbitrariedade e não necessidade.”

- **Deus Enganador**

“Esta hipótese está relacionada, como podemos constatar no próprio texto, à operação puramente intelectual, ou a razão, o intelecto.”

“acreditamos que a hipótese do Deus enganador apresentada por Descartes está se referindo e questionando a validade do último momento do modelo de conhecimento empirista aristotélico. Essa seria mais uma evidencia que descartes está se referindo ao modelo de conhecimento tomista aristotélico.”